

**As Caldas de Monchique
começam
a despertar?**

(PÁGINA 8)

A VOZ DO ALGARVE

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

(Preço avulso: 6\$00) N.º 769

Ano XXII 13/3/1980

Composição e impressão
«GRÁFICA EDITORA»
Av. João Ferreira da Maia, 20
Telef. 92091 RIO MAIOR

DIRECTOR E PROPRIETARIO

José Maria da Piedade Barros

Redacção e Administração

Telef. 6 25 36 LOULÉ

ASSIM SE PRÁTICA A VERDADEIRA DEMOCRACIA

Nova política de abertura ao diálogo

Ao contrário do que é prática normal daqueles que se meiam o ódio mais vesgo e a mentira mais nojenta e que, à falta de argumentos convincentes, têm que recorrer ao insulto mais torpe e à força bruta das armas para imporem as suas déspotas doutrinas, o actual Governo, eleito pela maioria da população, está procurando harmonizar a família portuguesa e proporcionar-lhe condições mínimas de paz social, bem-estar económico e um futuro mais ri-

sonho para todos.

Da abertura ao diálogo que se pretende praticar e dum melhor entendimento entre governantes e governados, temos agora mais uma prova através do ofício que acabamos de receber do Serviço de Relações Públicas do Governo Civil de Faro e no qual se considera «a comunicação social como um elemento fundamental da sociedade democrática, por garantir uma

(continua na pág. 4)



O SOL será motivo predominante dos «Jogos sem Fronteiras» a realizar em Vilamoura

«É com grande entusiasmo que prosseguem os preparativos dos «Jogos sem Fronteiras», a realizar em Vilamoura, no dia 27 de Maio, como já noticiámos.

Contudo, podemos adiantar que praticamente todos os temas dos jogos estão relacionados com a região onde se efectua (continua na pág. 7)

O Algarve vai exportar mais morangos

Com o objectivo de incrementar a exportação de morangos do Algarve para vários países da Europa, decorreu no Salão da Assembleia Distrital, em Faro, uma reunião que contou com a participação do dr. Isabel Patrício, do Fundo do Fomento da Exportação.

Presentes, além de outras entidades, 35 produtores algarvios de morangos. Foi salientado que se encontram plantados 60 hectares os quais devem garantir a produção de 300 toneladas.

EM TEMPO DE «MUDANÇA»

O Governo da Aliança Democrática estuda a melhor forma de distribuir

AS TERRAS A QUEM NELAS TRABALHAM

Ao contrário do Partido Comunista, que pretendeu (e conseguiu) acabar com os latifúndios no Alentejo para... formar latifúndios ainda maiores em que os seus militantes fossem os «novos donos e senhores absolutos», com total desprezo pe-

los verdadeiros interesses dos sacrificados trabalhadores alentejanos, o Governo da Aliança Democrática vai concretizar aquilo que os comunistas prometiam e nunca tencionavam dar: a terra a quem a trabalha!

Como ponta de lança para tomarem todo o restante território nacional, os agentes soviéticos instalaram-se no Alentejo aproveitando o descontentamento ali reinante e consequente das injustiças praticadas ao longo de tantos anos. Ali se têm mantido com mais ou menos poder, assaltando as melhores propriedades, destruindo-as, saqueando-as, semeando o menos possível (e mais ódio do que

(continua na pág. 3)

EMIGRANTES SÃO TEMA DE POLÉMICA

A mediocridade de certa gente...

Acostumados a pôr e a dispor no enfileiramento que se tornou corriqueiro com certos pseudomandatários dos destinos dos portugueses — os da Metrópole como os que andam a mourejar lá por fora — esbracejam

agora por lhes ser vetado o pretensão direito de presidirem às sinecuras que os levavam a «mourejar», refastelados, nos aviões que descolavam do Aeroporto de Lisboa, rumo a países da Europa e não só, como eles dizem...

O pior é que as comunidades portuguesas que mourejam na realidade lá por fora, para depois ajudarem a renovação do país, com milhões de divisas, já se haviam dado conta dos processos de que certa gente se serve para corromper a alma de cada um... O pior para eles, é que na verdade a inflexibilidade se deu, com a vitória clara e indelével da Aliança Democrática, eleita por vontade expressa do Povo Português, governo que era escolhido ou nomeado ao gosto de cada um. As comunidades portuguesas carecem mais de justiça do que de festarolas, impingidas por discípulos claros ou disfarçados de certos corifeus do marxismo internacional: o voto obrigatório, escolas, centros de convívio, estreitamento de relações com os

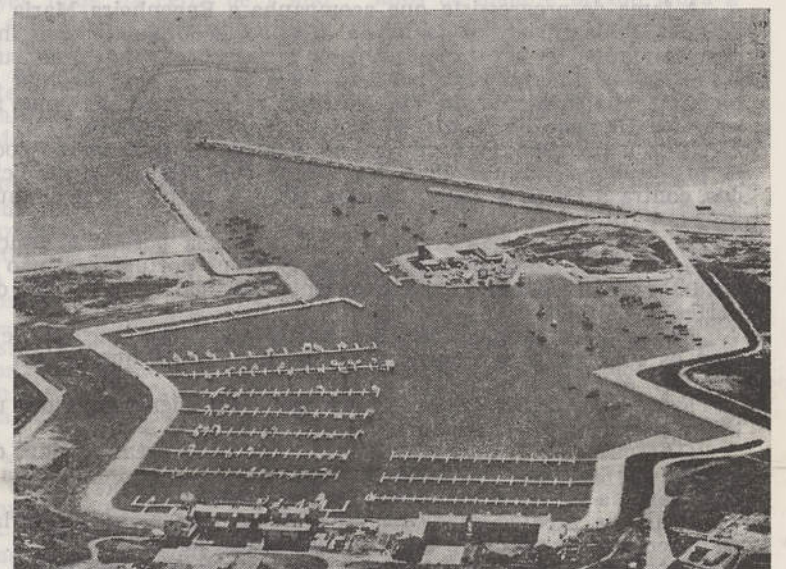
(continua na pág. 4)

Reuniões

com o Governador Civil de Faro

No dia 4 de Março o Governador Civil de Faro, dr. José Vitorino, reuniu com a Direcção do Sporting Clube Farense a qual expôs as grandes dificuldades com que se debate o clube e bem assim do grande esforço e sacrifício que, nomeadamente a equipa de futebol vem exigindo. Concretamente, para além da situação financeira, que é muito preocupante

(continua na pág. 5)



Será este o magnífico cenário que servirá de fundo aos já famosos «Jogos sem Fronteiras» a realizar em Maio em Vilamoura... porque ali se reúnem as condições ideais para tão apreciado entretenimento. Além disso, a rede de hotéis de que o Algarve dispõe também pesou muito na preferência dos organizadores por esta região.

Sem alojamentos à altura de tal empreendimento não seria possível a escolha do Algarve para a realização destes Jogos.

YASSER ARAFAT sem máscara

Quem se lembra da forma sorridente, melíflua e de pregação da paz a quando da sua estadia e encontro com a nossa

primeira ministro Pintasilgo e Presidente General Eanes, do dirigente Yasser Arafat da O. L. P., mal acreditaria depois, que este viesse a declarar que: a «Paz» para nós significa a destruição de Israel e que a «violência revolucionária» é o

(continua na pág. 7)

A CASA DO ALGARVE

FESTEJA 50 ANOS DE VIDA «TALVEZ

O ÚLTIMO AVISO»

Numa conferência de imprensa celebrada em Lisboa, na se-

de da Casa do Algarve, e a que o nosso jornal assistiu, o publicista e escritor Joaquim Antó-

(continua na pág. 5)

(LER PÁGINA 3)

Peregrinação algarvia à Terra Santa

Sob a presidência do Bispo do Algarve, vai realizar-se, de 4 a 11 de Setembro, a I Peregrinação da Diocese à Terra Santa.

O programa inclui, além da visita aos Lugares Santos e a outras zonas de interesse de Israel, celebrações litúrgicas adequadas aos diversos acontecimentos e locais relacionados com a vida de Cristo.

I CONGRESSO NACIONAL sobre o Algarve

(LER PÁGINA 10)

A LINDA CONSTITUIÇÃO QUE NOS DERAM

APELO À DIGNIDADE

(XVI)

(Continuação)

A U. D. P. chegou a enviar para o Alentejo o seu deputado A. R., Acácio Barreiros, para pregar a insurreição contra a devolução de propriedades e entrega de reservas, e o mesmo fizeram o P. C. e a Inter-Sindical.

9—Na realidade a insurreição foi sentida e muito perturbou a Ordem Pública e a Nação; mas o Governo Mota Pinto audazmente a suportou sem responder a violências, embora por vezes tivesse de usar meios severos para prestígio da lei e da autoridade.

Muitas vezes os elementos provocadores chegavam a reocupar as propriedades devolvidas aos seus proprietários, pelo que a G. N. R. tinha de voltar a correr com os desordeiros.

Isto deu-se muitas vezes, e disto mesmo se gabavam os comunistas logo que a G. N. R. se retirasse.

10—Era para poderem violar a Ordem Pública e a Lei, o P. C., o partido dos Barões de Marisco e a Inter exigiram a ausência da G. N. R., nas entregas; por esta ausência se bateram os desordeiros em todos os campos, apresentando a presença da força pública como uma provocação quer às U. C. P. quer às Cooperativas.

11—Porque o primeiro ministro do actual Governo — Pintassilgo — recebesse delicadamente os provocadores, exaltaram estes jubilosamente, afirmando na imprensa que agora já havia diálogo.

A fama de progressista que acompanha a Engenheira Maria de Lourdes Pintassilgo e o facto do afectivo acolhimento que lhes deu, tomaram os provocadores como anuência a todas as suas provocações; e certamente por isto foi grande a sua surpresa ao tomarem conhecimento do dia marcado para entrega de uma reserva na Herdade do Monte Norte, em Montemor-o-Novo.

No dia marcado para entrega da Reserva lá estavam no local os provocadores, muitos deles idos de Lisboa armados e municiados, contra a G. N. R. que na causa não era parte e nela nenhum interesse tinha.

12—Já porque não era parte na causa, já porque a função da G. N. R. é a manutenção da paz entre os portugueses, não se vislumbra nesta qualquer interesse em tomar partido por uma das partes em litígio.

As partes em litígio eram: por um lado a pessoa que iria retonar os seus bens; por outro, a pessoa ou pessoas que teriam de devolver esses bens.

Estas, que haviam roubado esses bens, consideravam agora um crime a restituição delas ao seu legítimo dono.

O espírito de resistência violenta ressaltava sem dúvida daqueles que estavam obrigados à restituição que se lhes exigia e que viam na G. N. R. o tropeço às suas malfetorias.

Eram os utentes da Cooperativa Bento Gonçalves que teriam de fazer essa devolução e que, por obediência ao P. C., à U. D. P. e outros comunistas, pretendiam agora opôr-se à ordem que a G. N. R. estava superiormente obrigada a cumprir.

13—Para o acto violento de oposição à ordem que a G. N. R. teria de cumprir, os utentes da Cooperativa Bento Gonçalves muniram-se de armas adequadas e de elementos combatentes fornecidos pelo fundo de maneio do P. C. e da U. D. P. que para o local foram transportados da cintura industrial de Lisboa e de outros locais. Foram estes elementos que fizeram o cerco à G. N. R. que sentindo-se cercada e atacada, teve de defender-se, respondendo aos atacantes com as armas de que dispunha e que não eram clandestinas.

Deste combate resultaram dois mortos do lado atacante e feridos alguns soldados da G. N. R.

14—No enterro dos dois mortos compareceram elementos do fundo de maneio do P. C.; elementos da U. D. P., idos da Cintura Industrial de Lisboa, e outros figurantes comunistas, a quem foram fornecidos gratuitamente transportes do Estado.

Lá estiveram o general Vasco Gonçalves, o almirante Rosa Coutinho, Dr. Alvaro Cunhal, Acácio Barreiros e muitos outros. Foi uma parada comunista, uma afirmação de protesto contra o «crime» da direita, segundo afirmavam.

E para que as culpas não se diluíssem no vago e no abstrato, os impostores concretizavam o crime no Dr. Sá Carneiro. Fôra este o mandão dos morticínios de «dois inocentes trabalhadores» que não sendo do sítio, ali foram para não fazer mal a ninguém...

15—O cenário não terminou com a morte e enterro dos infelizes trabalhadores. Continuou na imprensa comunista, na Televisão, nos comícios, nos telegramas de protesto e nas ameaças da sinistra de G. T. (Inter).

Tudo isto foi a odienta insurreição que teve a sua arrancada em 17 de Março deste ano com os comícios e paralizações ordenadas pela sinistra C. G. T. (Inter), em cumprimento do P. C. e do partido dos Barões do Marisco.

Esta insurreição não pára e caminhará com o seu cortejo de infames mentiras, de ameaças, de violências, turbulências, assaltos e truques, até ao desmoronar do país e da perda da nossa Pátria.

16—A nossa salvação está no impedir que os inimigos do povo português consumam os seus desígnios sinistros.

É necessário esclarecer a Nação da proveniência dos seus males e da sua eminente ruína.

É preciso desmistificar os impostores, destruir as suas mentiras com a verdade e desfazer os seus embustes com a claridade.

Para já começaremos por desmistificá-los na reforma agrária. Os inimigos de Portugal tomaram conta do Alentejo e aí instalaram a propriedade colectiva das Terras.

A colectivização das terras é a morte duma Nação. O inimigo sabe isto e conhece bem que é assim, e por isso mesmo é que nos impõe a colectivização.

A Ucrânia, a região da grande produção cerealífera, e que Hitler quis conquistar para abastecer a Alemanha de trigo e vender o excedente ao mundo, não produz hoje deste cereal o suficiente para abastecer 10% da população russa, e por isso a Rússia tem de recorrer aos Estados Unidos da América para fornecer pão aos russos, o que é do conhecimento de todo o mundo.

Os inimigos de Portugal também sabem isso, todavia impuseram-nos a colectivização das terras cerealíferas do Alentejo.

(Continua)

MINI — CRUZEIROS DO ALGARVE, LIMITADA

CARTÓRIO NOTARIAL DE LOURES

Certifico para efeitos de publicação, que por escritura de 13 de Fevereiro de 1980, lavrada neste Cartório Notarial, a folhas 122, do livro de notas para escrituras diversas N.º A-504, foi constituída entre LUÍS ANTÓNIO VILAR DE PEREIRA DA SILVA, JOÃO PEDRO DE ALMEIDA E VASCONCELOS, MARIA CABRAL PACHECO DE MIRANDA e MARIA AMÉLIA SEABRA DE ALMEIDA RIBEIRO SARAIVA RIBEIRO DE ALMEIDA, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, com a denominação em epígrafe, que ficou a reger-se pelo Pacto Social, constante da fotocópia anexa que, com esta se compõe de cinco folhas e vai conforme ao original na parte reproduzida.

Primeiro: — A sociedade adopta a denominação de

MORADIA

Vende-se uma moradia no centro da vila, com rés-do-chão e 1.º andar (8 divisões).

De construção recente. Com chave na mão.

Tratar pelo telefone 62023 — LOULÉ.

(3-1)

PRECISA-SE

De empregada doméstica. Casa de pessoas.

Nesta redacção se informa. (2-1)

VENDE - SE

Um frigorífico a gás, com capacidade de 250 litros, em bom estado.

Tratar pelo telefone 62079, das 18,30 às 19 horas.

PRECISA-SE

Motorista de pesados c/ prática.

Telefone 66327 — POÇO — BOLIQUIME.

(2-1)

VENDE - SE

Terreno para construção, com 150 m2, junto à Rua Fado Rock.

Trata Joaquim Sebastião Ventura, morador na casa da sr.ª Belizandra — TINOCA — BOLIQUIME.

TRESPASSA - SE

Restaurante «Quá - Quá» em Quarteira, na Rua Dr. José Joaquim Soares (a 50 metros da praia). Bom Preço.

Informa no próprio local ou nesta Redacção.

«MINI — CRUZEIROS DO ALGARVE, LIMITADA», vai ter a sua sede provisória no late Amorita — Cais A — Marina de Vilamoura — Quarteira, concelho de Loulé, podendo abrir filiais, sucursais ou agências onde e quando se revelar conveniente e tem o seu início a partir de hoje, para durar por tempo indeterminado.

Parágrafo único: — A sede social poderá ser deslocada para qualquer local, por simples deliberação da Assembleia Geral.

Segundo: — A sociedade tem por objecto o aluguer de barcos para recreio ou qualquer outra actividade que a Assembleia Geral delibere desenvolver e seja classificada como turística.

Terceiro: — O capital social é de dois milhões de escudos correspondente à soma de quatro quotas iguais de quinhentos mil escudos cada, cuja titularidade e conteúdo se especifica da seguinte forma:

Sócio Luís António Vilar de Pereira da Silva — quota representada por direito de propriedade de que é titular, na proporção de um quarto, no barco «Amorita» registado na Repartição Marítima da Capitania do Porto de Faro, em doze de Dezembro de mil novecentos e setenta e nove, por meio do auto de registo de propriedade número quinhentos e dois Q T, da mesma data, tendo armação tipo Ketch em madeira, comprimento de dezasseis metros e vinte centímetros, boca de três metros e noventa e quatro centímetros, pontal de dois metros e oitenta e cinco centímetros e tonelagem de arqueação bruta de quarenta e cinco toneladas e quatrocentos e oitenta e dois quilogramas, no valor de quatrocentos e setenta e oito mil setecentos e cinquanta escudos, direito de propriedade de que é titular, na proporção de um quarto, no barco de borracha «Gomo» marca Avon, com o comprimento de dois metros e sessenta centímetros, largura de um metro e cinquenta centímetros, pontal de cinquenta centímetros, no valor de quinze mil escudos, direito de propriedade de que é titular, na proporção de um quarto, no barco de borracha «Onda», da marca Semperit, com o comprimento de dois metros e sessenta centímetros, largura de um metro e cinquenta centímetros e pontal de trinta centímetros, no valor de seis mil duzentos e cinquenta escudos.

Sócio João Pedro de Almeida e Vasconcelos — quota representada por direitos de propriedade da mesma proporção de igual valor dos do sócio anteriormente identificado, nos três barcos também acima identificados.

Sócia Maria Cabral Pacheco de Miranda — quota representada por direitos de

compropriedade na mesma proporção e igual valor dos dos dois sócios anteriormente identificados, nos mesmos três barcos acima referidos.

Sócia Maria Amélia Seabra de Almeida Ribeiro Saraiva Ribeiro de Almeida — quota representada por direitos de propriedade, na mesma proporção e igual valor dos dos três sócios anteriormente identificados, nos mesmos três barcos acima referidos. Qualquer das embarcações que, assim, os sócios transferiram para a sociedade, só poderá ser adaptada à função de aluguer para recreio se a Inspeção Geral de Navios vier a conceder a necessária autorização nos termos do número um do artigo oitavo do Decreto setenta e nove/setenta e oito.

Quarto: — A gerência é exercida pelos sócios Luís António Vilar de Pereira da Silva e João Pedro de Almeida e Vasconcelos, que ficam desde já nomeados gerentes, com dispensa de caução e com ou sem remuneração, conforme for deliberado em Assembleia Geral.

Parágrafo primeiro: — Para a representação da sociedade, judicial ou extrajudicialmente e para que a mesma fique obrigada em todos os seus actos e contratos, é necessária a assinatura de ambos os gerentes, podendo os actos de mero expediente ser assinados por um só.

Parágrafo segundo: — A sociedade pode conferir a estranhos poderes de gerência, quando assim for deliberado em Assembleia Geral e qualquer sócio gerente pode delegar os seus poderes em outro sócio ou em estranho, mas neste caso, desde que a sociedade aceite previamente a pessoa indicada.

Quinto: — A cessão de quotas entre os sócios é livre. Na cessão de quotas a estranhos, a sociedade primeiro e os sócios em segundo, terão direito de preferência, devendo ser avisados pelo sócio que pretende alienar a sua quota, por meio de carta registada com aviso de recepção, com a antecedência mínima de sessenta dias.

Sexto: — No caso de morte, interdição ou inabilitação de qualquer dos sócios a sociedade continuará com os herdeiros do falecido ou representantes do inabilitado ou interdito, devendo eles escolher entre si um que a todos represente, enquanto a quota se mantiver indivisa.

Sétimo: — As assembleias gerais serão convocadas por cartas registadas com aviso de recepção, dirigidas aos sócios com a antecedência mínima de oito dias, sempre que a Lei não exija outras formalidades.

Loures e Cartório Notarial, aos 15 de Fevereiro de mil novecentos e oitenta.

A Ajudante,
(Assinatura ilegível)

ZECA MARIANO

— UM LOULETANO QUE SE EVIDENCIA NA AUSTRÁLIA



Zeca Mariano é um louletano que, apaixonadamente, se dedicava ao cinema, fotografia e... cavalos. Jovem ainda, partiu para a Austrália em busca de novos e mais rasgados horizontes e... duma ambicionada e justa melhora das suas condições de vida.

Não se poderá dizer que «chegou, viu e venceu», pois tem travado uma dura luta por uma mais próspera existência e conseguiu vencer lutando.

A sua paixão pelo cinema não se perdeu e, como amador, é já hoje uma figura popular entre a comunidade portuguesa daquele longínquo e próspero país. Dele só agora soubemos notícias porque mão amiga nos facultou a leitura de alguns exemplares do excelente jornal «O Português na Austrália», num dos quais encontramos a local que abaixo transcrevemos gostosamente para satisfação de quantos se recordam ainda do velho amigo Zeca Mariano:

PORTUGAL NA TELEVISÃO ÉTNICA

No passado domingo, dia 10, Dia de Portugal, Camões e das Comunidades Portuguesas, pela primeira vez a Comunidade Portuguesa de Sydney, pôde assistir ao seu programa da Televisão Étnica.

Podemos afirmar que a Comunidade está de parabéns ao obter este programa, mas temos de realçar o trabalho apresentado por Zeca Mariano, uma figura muito popular e colabo-

rador d'«O Português na Austrália», que no seu desempenho de amador se saiu muitíssimo bem.

Falhas, quem as não tem? No entanto, Zeca Mariano tentou elevar o nome de Portugal e da nossa Comunidade através do «ecran étnico».

Foi pena, o programa ser de curta metragem e apenas focar tópicos que não abrangiam todas as províncias portuguesas, como era desejo de todos aqueles que assistiam vibrando ao verem na tela o cantinho do seu País. Mas, no entanto, é de nós Portugueses que o Programa está dependente. Se quisermos que Portugal continue a ser destacado na Televisão Étnica Australiana, nos programas realizados ao Domingo, das 8 às 11 horas da manhã, teréis que escrever dando a vossa opinião, demonstrando os vossos desejos pelos programas preferidos e os

temas que mais gostariam de ver aludidos, os acontecimentos, enfim incitarem o prosseguimento do mesmo e demonstrando à Comissão da Televisão Étnica, que Portugal também quer o seu Programa Étnico, porque a Comunidade Portuguesa está pronta e decidida a ampará-lo.

Mais uma vez, obrigado Zeca Mariano, prossegue o teu trabalho que a Comunidade Portuguesa saberá agradecer-te.

— (—)

Pela primeira vez na televisão étnica, foi apresentado um programa dedicado a Portugal.

Afinal Zeca Mariano provou que não sabe só tirar fotografias, filmar, e... bem, com consideração o felicitamos pelo seu excelente trabalho em prol da Comunidade.

Para a frente é que é caminho, destas e outras é que necessitamos.

Actividades do Racial Clube

— MARÇO 1980 —

ANDEBOL

Jogos

Iniciados Masculinos: 9, 16, 23 e 30.
Distrital de Juv. Femininos: 9, 23 e 30.
Distrital de Jun. Femininos: 8, 9, 16, 23 e 30.

BADMINTON

Fase de apuramento para o Campeonato Nacional em Évora no dia 8.

BALLET

Aulas a 8, 15, 22 e 29.

CAMPEONATO DE KING

21 e 22 na Cave da «Casa Velha».

CINEMA

Na sala de projecções das instalações sociais — «Casa Velha» em Silves — 24: «O Espírito e a Carne», com John Huston, Deborah Kenn e Robert Mitchum.

COMEMORAÇÕES DO 10.º ANIVERSÁRIO

16 — As 15 horas, nas instalações do Ciclo Preparatório em

Silves, várias manifestações desportivas em que tomam parte todas as secções não motorizadas do Racial Clube.

FADO — Na cave da «Casa Velha», dia 29, noite de Fado Espontâneo.

FOTOGRAFIA — No prelo o regulamento do VI Salão (patrocínio da FIAP n.º 23/80 — O Racial Clube é o único organizador do Salão de Fotografia em Portugal que tem o apoio da Fédération International d'Art Photographique).

Achado hebraico no Algarve

Num local denominado «Adro do Judeu» no sítio de Pero Gil, no concelho de Tavira, foi descoberta uma pequena ardósia cinzenta escura.

Apresenta um disco gravado, de 0,091 m. de diâmetro, tendo ao centro um quadrado de 0,023 m. de lado dividido em nove pequenos quadrados, contendo cada um deles uma letra.

As dimensões desta ardósia, que tem uma forma trapezoidal, são as seguintes: altura do lado esquerdo — 12,5 cms.; largura 12,8 cms., apresentando numa das extremidades um buraco e no sentido oposto uma ranhura.

De acordo com o estudo efectuado pelo investigador algarvio dr. José Fernandes Mascarenhas, os caracteres nela inscritos são hebraicos.

O achado confirma a presença dos judeus pelo Algarve, há muitos séculos, em especial naquele concelho de Tavira, já que existe a poucos quilómetros do «Adro do Judeu», o sítio da «Sinagoga» ou «Sinaboga», na freguesia de Santo Estêvão.

MEDALHÍSTICA ALGARVIA

Duas novas peças vão valorizar a medalhística de temática algarvia. Por iniciativa do jornal «Correio do Sul», que se publica em Faro, vão ser editadas medalhas assinalando os centenários dos poetas algarvios Bernardino dos Passos (ocorrido em 1976) e de João Lúcio que este ano se comemora.

Notícia de «A VOZ DE LOULÉ» lida e comentada pela RDP

Incluída no seu habitual programa «A Cidade e as Serras», dignou-se a RDP ler e comentar aos seus microfones a notícia publicada recentemente pela «Voz de Loulé» acerca da possibilidade de vir a ser brevemente instalado no Hospital de Faro um centro de diálise.

Além de transcrever a notícia, a R. D. P. fez ainda o seguinte comentário:

No novo Hospital do Distrito de Faro vai ser instalado um centro de Diálise.

«Encontrámos a novidade, nas páginas de «A Voz de Loulé».

A notícia, é daquelas que interessam não apenas às gentes algarvias, mas a todo o País,

pois quando se trata de alargar as possibilidades de tratamento das populações, qualquer que seja o espaço do País, em que tal alargamento se verifique, será sempre de benefício geral para todos os portugueses».

Será desejável que estas notícias tenham bom acolhimento entre as entidades responsáveis e que tudo se conjugue para que a criação de tão valioso serviço seja um renovar de melhores dias para quantos vêm a sua vida ameaçada por complicações renais.

Agradecemos à RDP a transcrição da notícia e o envio do amável ofício em que o facto nos é comunicado.

NOTÍCIAS PESSOAIS

FALECIMENTOS

No Lar da Terceira Idade, em Silves, onde há cerca de 1 ano se encontrava instalada, faleceu há dias a nossa conterrânea sr.ª D. Ilda de Brito Barracha, solteira e cujos irmãos já faleceram há anos.

Muito devotada à Igreja, a sua vida foi exemplo de dignidade e à prática de boas acções, sendo ainda notória a sua extraordinária habilidade na execução de labores femininos.

A saudosa extinta contava 78 anos de idade.

Faleceu há dias em Lisboa o sr. António Monteiro, de 79 anos, natural de Loulé, casado com a sr.ª D. Maria José Ventura de Figueiredo Monteiro, pai da sr.ª D. Paula Alexandra de Figueiredo Monteiro Bernardo, casada com o sr. Mário de Figueiredo Bernardo.

Também faleceu naquela cidade a sr.ª D. Maria da Silva Martins, de 66 anos, natural de Loulé, casada com o sr. José Bernardino Fernandes, mãe da sr.ª D. Lizete Maria Martins Fernandes.

Em casa de sua residência, faleceu há dias em Lisboa, o nosso conterrâneo sr. Francisco do Nascimento, de 94 anos, proprietário, casado com a sr.ª D. Aurora dos Santos Baeta do Nascimento.

Em casa de sua residência em Loulé, faleceu no passado

dia 15 de Fevereiro o sr. Filipe da Costa, natural de Loulé-Gare, comerciante, que contava 76 anos de idade e deixou viúva a sr.ª D. Maria da Conceição Viegas Martins.

O saudoso extinto era irmão do sr. Modesto da Costa, residente em Loulé-Gare.

Apresentamos sentidas condolências às famílias enlutadas.

PARTIDAS E CHEGADAS

De visita a seus familiares e amigos, encontra-se a passar férias em Portugal a sr.ª D. Maria do Rosário Poeira Calado, casada com o sr. João Lamas Calado, nosso dedicado assinante em França.

Concerto da Semana Santa em Faro

No âmbito das comemorações da Semana Santa tem a Comissão Regional de Turismo do Algarve vindo a realizar um concerto preenchido com música sacra. O concerto deste ano realiza-se no dia 29 de Março (sábado), em Faro e actuará o Coro Universitário de Lisboa, constituído por cerca de 50 elementos.

Curso de Artes Plásticas

Está a decorrer na Delegação do INATEL, em Faro, o 4.º Curso de Artes Plásticas, dirigido pelo pintor de arte, José Manuel Domingos.

Ainda que o certame esteja no seu segundo mês de aulas, podem os trabalhadores interessados apresentar as suas inscrições na Secretaria da Delegação, facultando-se a admissão imediata às respectivas sessões de trabalho.

As aulas decorrem nas instalações do INATEL, em Faro, Travessa Castilho, 35-2.º, às 3.ªs e 5.ªs feiras, das 21.30 às 23.30 horas, até ao fim do próximo mês de Junho.

VENDE-SE

PROPRIEDADE

Com 5 000 m² c/ 2 casas habitação, com cisterna, no sítio das Benfarras.

Informa Inácio Ponte Gomes — Telef. 66281 — Vale Covo — BOLIQUIME.

(3-1)

Ao Divino Espírito Santo

Agradeço as graças recebidas.

M. G. P.

Nova política de abertura ao diálogo

(continuação da pág. 1)
permanente informação da opinião pública. Por este motivo, o Governador Civil manifesta a sua «disposição de praticar uma política informativa de completa cobertura» pelo que os respectivos serviços se colocam à disposição da imprensa.

Folgamos com a iniciativa porque pensamos que esse serviço vai funcionar e que os algarvios passarão a ficar mais esclarecidos acerca daquilo que se vai passando no seu Algarve e lhes interessa.

Pela nossa parte, pode o novo Governador contar inteiramente com «A Voz de Loulé» em tudo o que entender por bem possa ser útil ao nosso Algarve e à população que aqui vive e labuta.

E fazêmo-lo de boa vontade

porque, enquanto podermos, estaremos sempre dispostos a defender a Democracia e a Liberdade autênticas e não aquela que certos carrascos apregoam... para escarizar os ingénuos e os parvos que neles ainda acreditam.

Aproveitamos para agradecer os cumprimentos que nos são endereçados e igualmente retribuimos, esperando que a obra de José Vitorino seja profícua para um correcto desenvolvimento global do Algarve, trabalho esse em que todos devemos colaborar honestamente, pois só assim poderão viver mais felizes aqueles que procuram um lar para morar, um emprego que seja garantia dum futuro melhor ou o pão que lhes mitigue a fome.

A mediocridade de certa gente...

(Continuação da pág. 1)

consulados e embaixadas portuguesas lá por fora. Por outro lado, se não conhecem Camões não será agora, para gozo e aproveitamento de certos mediocres intelectuais, que os portugueses que mourejam na Europa e nas Américas carecem de edições caudalosas de exemplares — mesmo que beneficiem dos chorudos capitais da Gulbenkian...

As comunidades portuguesas que viviam no Canadá e na Venezuela e onde continuavam a viver, que conhecemos há um bom par de anos, quando os escutávamos em Montreal, em Quebec e em Toronto e Ottawa, ou na África do Sul e no ex- Congo Belga, como no Rio de Janeiro, em S. Paulo, na Baía e em Belém do Pará ou em Nova Bedford, «a capital dos portugueses na América», o que nos pediam não eram festarolas fardadas ou à paisana: pediam-nos, sim, escolas, livros de estudo, para salvaguarda da Língua Portuguesa e até a colaboração persistente da antiga Junta de Emigração para que conseguissem a ida da mulher e dos filhos, para que as comunidades portuguesas continuassem a ser portuguesas e não servos de ideologias estrangeiras que destruíram Portugal e lhe arrancaram as «suas terras» de África, para serem entregues, por traidores, aos inimigos da Civilização Cristã: russos, cubanos, checos, alemães orientais...

Vimo-los, em Montreal, deitados em tarimbas, umas sobre as outras, escutávamos os seus apelos para que lhes permitissem levar as mulheres para seu lado, para não gastarem o produto do seu trabalho; vimo-los na Venezuela, a amealhar pequenas fortunas e a solicitar-nos que interviéssemos junto das autoridades oficiais, para que lhes dessem escolas, livros, para eles e para seus filhos; vimo-

e ouvimos centenas de luso-americanos dos Estados de Massachusetts e de Rhode Island, entre eles muitos açorianos e cabo-verdianos, a solicitar-nos a presença de sacerdotes católicos e de professores da nossa língua, para a ensinarem nas muitas dezenas de instituições fundadas naqueles Estados, como no Canadá nos pediram discos e livros. E demo-nos conta das dificuldades dos Consules portugueses, como nos demos conta de indiferenças incompreensíveis a estranhos.

O Brasil, por seu lado, a quem continuamos a dever a universalidade da nossa Língua, com a instalação de Centros de Cultura, de conselheiros culturais e de adidos de Imprensa, leitores de português em Universidades por todo o mundo, o Brasil, dizíamos, de olhos bem abertos para as realidades, não esqueceu os seus interesses no mundo. Como a Espanha, que ainda agora, abusivamente, pretende beneficiar de Manuel da Nóbrega, fundador de S. Paulo, em benefício de Anchieta. E nós? O poder castrense mostra-se enfurecido, por lhes terem cortado as unhas do mando em sectores onde nada sabem fazer, a não ser gozar à tripa forra, agora que um Governo autêntico e honrado chama a si, como deveria ter sido sempre, a organização do Congresso das Comunidades e as comemorações do Dia de Camões, Dia de Portugal, ao mesmo tempo que poupa muitos milhares de contos, bem mais úteis na construção de habitações, de escolas, de hospitais, olhos postos nos emigrantes portugueses espalhados pelo mundo, que precisam de ser amparados e até reabilitados no direito de voto obrigatório, tão temido pela esquerda marxista, cujos malefícios eles conhecem bem...

Não citamos nomes: eles andam por aí pelos jornais, como a carta do Presidente da Inter-

nacional Socialista, a que se referia há dias o semanário «O Tempo», naturalmente acompanhado, não na defesa da independência nacional, mas no combate àquele semanário, pelo órgão do antigo membro da Acção Católica, que por aí anda aos tombos, a dançar na corda bamba, adiposo e pretensão jornalista, que da profissão pouco sabe, a despeito do seu diploma parisiense. Pois continuem dr. Sá Carneiro e Prof. Freitas do Amaral, que a Nação está ao vosso lado e ao vosso lado continuará, que o povo só deseja a paz, ordem, trabalho e verdadeira independência.

(De «O Dia»)

ALBUFEIRASOL — Comércio, Indústria e Turismo, Lda.

17.º CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA

Rua Alexandre Herculano, 29-1.º, Esq.º

Notário,
Lic.º António Manuel
Gonçalves Saldanha

1 — Certifico para fins de publicação que por escritura deste Cartório de quatro de Fevereiro do corrente ano, lavrada de folhas setenta e três a setenta e cinco verso, do livro de notas 132-C, foi constituída a sociedade em epígrafe, entre Maria Vitória Jesus dos Santos Contreiras e Raul dos Santos Contreiras, que adoptou o pacto constante dos seguintes artigos:

Art.º 1.º — A sociedade adopta a denominação de «Albufeirasol — Comércio, Indústria e Turismo, Limitada».

Art.º 2.º — Um — A sede social é na vila, freguesia e concelho de Albufeira, na Rua Primeiro de Dezembro, n.º 8-2.º, Dt.º.

Dois — A sociedade poderá a todo o tempo criar, transferir e extinguir delegações, agências ou quaisquer formas de representação quando e onde lhe parecer conveniente.

Art.º 3.º — A duração da sociedade é por tempo indeterminado e o seu início conta-se a partir de hoje.

Art.º 4.º — A sociedade tem por objecto a compra e venda e administração de imóveis, construção civil, urbanizações, exploração turística de propriedades e sua valorização, importação e exportação, e o comércio de representações nacionais e estrangeiras, podendo dedicar-se a qualquer outra actividade desde que permitida por lei.

Art.º 5.º — É permitido à sociedade adquirir acções e quotas ou participações em outras sociedades.

Art.º 6.º — O capital é de cem mil escudos, está integralmente realizado em di-

O Governo da Aliança Democrática estuda a melhor forma de distribuir AS TERRAS A QUEM NELAS TRABALHA

(Continuação da pág. 1)

sementes) e incentivando os seus laçaios a trabalharem arduamente de sol a sol... à sombra das azinheiras».

Para os que gostam muito pouco de trabalhar, tudo tem corrido às mil maravilhas porque o Estado vai alimentando a sua preguiça com subsídios e mais subsídios.

Porém, para aqueles que querem trabalhar porque sabem que só através dum trabalho ordenado e produtivo se pode alcançar melhores condições, a vida vai mudar no Alentejo por-

que poderão realizar o grande sonho: possuir a terra e regá-la com o suor do seu próprio rosto.

São estas as medidas que estão sendo estudadas pelo actual Governo e muito desagradam ao Partido Comunista (que se diz português) porque assim perderá o controlo dos trabalhadores alentejanos, através dos quais tem conseguido manter o perigoso clima de instabilidade que tanto convém aos seus malignos designios e tanto tem prejudicado o nosso País. Aliás, isso não é de estranhar porque o grande objectivo da sua «luta» é saquear e destruir a economia dos países onde tem conseguido instalar-se à sombra duma democracia que não lhe interessa praticar.

A propósito desta inovação que tanto está irritando as hostes comunistas, o deputado José Manuel Casqueiro concedeu há dias a seguinte entrevista ao jornal «Povo Livre»:

P. L. — Neste fim-de-semana, as UCP's e outras organizações do PC declaram publicamente que o Governo estava a destruir a Reforma Agrária. Acha que esta afirmação é justa?

C. — Na perspectiva dos comunistas é. Só que a AD tem um projecto de Reforma Agrária próprio, por isso somos maioria parlamentar, e não minoria como o PC. Para os comunistas, Reforma Agrária é colectivização da terra, pouco importando a diminuição de produção, a diminuição dos direitos sindicais e da liberdade individual dos trabalhadores rurais. A Reforma Agrária, para o PCP, é um mero instrumento de conquista do poder.

Mas a verdadeira Reforma Agrária vai iniciar-se em breve pela distribuição individual de terras a trabalhadores rurais. Esse será o passo importante e decisivo a dar pelo Governo da AD. Significará a desproletarização e a liberdade para os trabalhadores rurais, daí o pânico existente nas hostes comunistas, que já não o conseguem ocultar. Hoje, são coincidentes o projecto e os objectivos dos maus proprietários de terras «statu quo» e não o progresso do PC. Ambos desejam o «statu quo» e não o progresso, a evolução e a independência dos trabalhadores rurais. É preciso criar uma nova geração de agricultura. Para nós não se trata de saber quem é o patrão: trata-se de uma nova sociedade rural que tem de ser, económica e socialmente mais justa».

VENDEDOR

Precisa, armazém de mercadorias.

Nesta redacção se informa. (5-2)

Trespasa-se

MINI-MERCADO em Faro. Tratar pelo telefone 25399, a horas de expediente ou no Largo da Matriz, 10 — LOULÉ, a partir das 20,30 horas. (4-2)

MOTORISTA

Trabalhando com horário rotativo, oferece os seus serviços para preenchimento de dias vagos.

Tratar na Rua Mouzinho de Albuquerque, 9 — LOULÉ. (2-2)

EDUARDO VIEGAS, LDA.

Certifico para efeitos de publicação, que por escritura lavrada a fls. 73 do L.º A-80 em 23 de Março de 1974, do notário do 2.º Cartório da Secretaria Notarial de Faro, Lic. Januário Severiano Daniel dos Reis, o sócio Zervos Nikiforos dividiu em duas quotas iguais de 100 000\$00 que possuía na sociedade em epígrafe identificada com sede em Bordeira, freguesia de Santa Bárbara de Nexe, deste concelho, tendo cedido uma a Eduardo Pinto Viegas do valor nominal de 50 000\$ e outra de igual montante a Cecília Manuela Quintas Pereira Viegas e renunciado

à gerência.

Pela mesma escritura os ditos cessionários, unificaram as quotas adquiridas com as que já possuíam de igual valor nominal, ficando assim cada um, com uma quota de valor nominal de 100 000\$00, tendo sido nomeada gerente a sócia Cecília Manuela Quintas Pereira Viegas.

Ainda pela mesma escritura foi aumentado o capital social de 200 000\$00 para 1 500 000\$00, reforço integralmente realizado em dinheiro, e subscrito 1 000 000\$ pelo sócio Eduardo Pinto Viegas e 300 000\$00 pela sócia Cecília Manuela Quintas Pereira Viegas, e consequentemente alterado o art.º 3.º do pacto social que passou a ter a seguinte redacção:

Art.º 3.º — O capital social é de 1 500 000\$00, está todo realizado em dinheiro e outros valores constantes da escrituração, dividido em duas quotas, uma de 1 100 000\$00, pertencente ao sócio Eduardo Pinto Viegas e outra de 400 000\$00 pertencente à sócia Cecília Manuela Quintas Pereira Viegas. Está conforme.

Secretaria Notarial de Faro, 7 de Fevereiro de 1980. A Ajudante da Secretaria Notarial,

a) Alita Rogério Barranqueiro
Caço

VENDE-SE

Uma mercearia e casa, na Rua S. João, 17 — Quarteira.

Tratar com o próprio, no mesmo local. (4-1)

LUÍS PONTES

ADVOGADO

Rua D. Paio Peres Correia,

N.º 31 — Telef. 62406

LOULÉ

Trespasa-se

CAFÉ-RESTAURANTE em Boliqueime — Poço.

Tratar pelo telefone 66188 — BOLIQUEIME.

A CASA DO ALGARVE festeja 50 anos de vida

(Continuação da pág. 1)

nio Nunes, actual presidente da prestimosa colectividade, ladeado pelas ilustres figuras dos Prof. Manuel Viegas Guerreiro, Prof. Manuel Gomes Guerreiro e Dr. António de Sousa Pontes, revelou aos órgãos de comunicação social o programa das comemorações dos cinquenta anos da sua fundação.

Nascida com o objectivo principal de «estreitar os laços de cooperação da família algarvia e promover o estudo, defesa e propaganda dos valores, belezas e possibilidades da Província, através de sessões solenes, conferências, publicações, cursos, exposições e congressos», a Casa do Algarve constituiu-se por alvará concedido em 26 de Fevereiro de 1930 e desenvolveu, ao longo de meio século, uma actividade digna de todo o apreço. A sua iniciativa da «Quinzena do Algarve em Lisboa», celebrada o ano findo, obteve projecção nacional, através da televisão, e concentrou as atenções sobre numerosos problemas com que a nossa província se debate, mas chamando também a atenção para os valores de grande prestígio que possui.

As celebrações do cinquentenário da Casa do Algarve tiveram início no passado dia 8 de Março, com uma romagem ao túmulo de João de Deus, no Panteão Nacional, no Campo de Santa Clara. Seguiu-se um almoço de confraternização, dedicado à evocação da memória de três grandes jornalistas — Julião Quintinha (República), César dos Santos (Diário de Lisboa) e José Barão (Século) e fundador-director do nosso colega *Jornal do Algarve*, que seu filho e sua viúva herdaram e mantêm).

A confraternização do almoço prolongou-se depois com uma cerimónia de distribuição de medalhas comemorativas do cinquentenário ao Governador Civil, Presidentes das Câmaras algarvias e ainda aos sócios com 25 anos de actividade associativa. À noite, como epílogo de tão bela jornada, prestou-se homenagem a João de Deus, co-

memorando os 15 anos do seu aniversário, com duas exemplares palestras de Joaquim Magalhães e Alberto de Sousa Uva.

Dentro das actividades culturais programadas, registam-se as seguintes:

Dia 11, um seminário sobre «Recursos Naturais do Algarve» orientado pelo dr. António de Sousa Pontes, apresentando comunicações o eng. agrónomo José Pereira da Conceição (tema: «A Agricultura») e o prof. eng. químico José Maria do Nascimento (tema: A alfarroba, factor de equilíbrio ecológico e de desenvolvimento do Algarve).

Dia 14: uma palestra do prof. Joaquim Linha Serafim sobre «Fontes Alternantes de Energia».

Dia 17, o Prof. Dr. Manuel Gomes Guerreiro (antigo Secretário de Estado do Ambiente) e a Prof. Dr.ª Carminda Cavaco abordam os temas da degradação das praias do Algarve e o Turismo.

No dia 18, às 17 horas, é inaugurada uma exposição fotográfica de paisagens algarvias do artista Horácio José da Cruz e uma outra exposição de postais máximos do coleccionador eng. António dos Santos Furtado. À noite, este último profere uma palestra sobre o tema da sua especialidade — a maxiafilia.

No dia 22, das 15 às 19 horas, funcionará na Casa do Algarve um posto dos CTT para a venda aos coleccionadores de um selo com a efígie de Manuel Teixeira Gomes, colado a um

sobrescrito alusivo ao cinquentenário da Casa do Algarve, com um belo desenho do artista plástico algarvio e poeta Tóssan.

Registe-se ainda a edição de uma medalha de bronze comemorativa do cinquentenário da autoria do escultor José de Moura.

A Casa do Algarve encontra-se de parabéns, não só pelo aniversário que festeja, mas também pela vitalidade de que dá provas, porquanto tudo quanto se acaba de enunciar é apenas uma parte das celebrações planeadas, que se prolongarão ao longo de 1980.

Entre os projectos já avançados, conta-se o apoio a um filme sobre João de Deus, a realizar pela televisão, sobre a sua vida e a sua obra, uma campanha a favor da instalação definitiva da Universidade do Algarve, de forma a torná-la uma realidade concreta para além do papel, uma Feira permanente do Artesanato Algarvio em Lisboa, etc.

Na linha de finalidades e realizações apontadas, a Casa do Algarve espera vir a ser contemplada neste ano do seu cinquentenário com o diploma de Instituição de Utilidade Pública.

Manter-se hoje uma colectividade, à custa exclusiva dos 600 sócios efectivos que têm sobrevivido a todas as crises, é penhor da nossa muito sincera admiração. Bem hajam quantos a tornam possível.

VITORIANO ROSA

RECTIFICAÇÃO NOTARIAL

SECRETARIA NOTARIAL
DE LOULÉ

1.º CARTÓRIO

Notário: Licenciado Nuno
António da Rosa Pereira
da Silva

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 21 do mês corrente, lavrada de fls. 60 v.º, a 62, do livro n.º B-113, de notas para escrituras diversas, do Cartório acima referido, foi rectificada a escritura de justificação notarial, lavrada em 18 de Outubro do ano findo, a fls. 84 v.º, do livro n.º C-110, também de notas para escrituras diversas, deste Car-

tório, na qual Joaquim Mendes Losna e mulher, Rosa dos Santos Rodrigues, residentes no sítio de Betunes, freguesia de S. Clemente, conselho de Loulé, se haviam declarado donos e legítimos possuidores, com exclusão de outrém, de um prédio urbano, devidamente identificado nessa escritura, pelas razões constantes da mesma, e na qual,

Por manifesto lapso declararam que o referido prédio confrontava do nascente com caminho, quando o mesmo confronta correctamente do nascente com terreno de herdeiros de Joaquim dos Santos Losna e este por sua vez é que confronta com o caminho; — devendo, porém, ficar bem expresso que o logradouro do prédio urbano, cujo direito de propriedade justificaram pela citada escritura de 18 de Outubro do ano findo, se encontra, neste momento, devidamente demarcado por todos os lados e que a nascente se estende por toda uma faixa com a largura de 2 m, medida a partir da parede do mesmo lado nascente do prédio urbano, propriamente dito, acompanhando a dita parede e que se destina quase exclusivamente ao escoamento das águas pluviais, provenientes de prédios superiores. Está conforme.

Secretaria Notarial de Loulé, 26 de Fevereiro de 1980.

O 2.º Ajudante,
Fernanda Fontes Santana

Deliberação da Assembleia Municipal de Lagos

A Assembleia Municipal de Lagos deliberou aprovar a seguinte moção: «Reforma da Contabilidade das Autarquias Locais».

A deliberação, digna de apreço pelo que representa de interesse na defesa das populações do Concelho, numa boa gestão e trabalhos, produto duma eficiente contabilidade, adequada à responsabilidade inerente à autonomia financeira, atribuída às autarquias locais pela Lei 1/79, insere-se numa tomada de posição e iniciativa que apraz comunicar.

Assim a Assembleia Municipal de Lagos, depois de expostos vários considerandos, propôs que fosse exigido do Governo o cumprimento do disposto no art.º 25 da Lei 1/79, promovendo a urgente publicação do Decreto-Lei sobre a reforma da contabilidade das autarquias locais.

Os elementos que constituem

a Assembleia Municipal de Lagos, propõem também, que a referida Assembleia exija, que o Governo regulamente, imediatamente, a bonificação das taxas de juro, prazos e garantias em empréstimos a contrair pelos Municípios, conforme estipula o art.º 15 da Lei 1/79.

Mais foi deliberado aprovar a seguinte moção. Lei da Delimitação das Competências entre o Poder Central, Regional e Local em matéria das Responsabilidades de Investimento, para que a Assembleia Municipal de Lagos manifeste à Assembleia da República a necessidade de aprovação urgente da referida lei.

Estas iniciativas e posições assumidas pela Assembleia Municipal de Lagos, integradas no espírito e matéria da Lei 1/79, são de realçar e constituirão a sua divulgação, o estímulo a idênticas tomadas de posição e iniciativas aos Municípios do Algarve e não só.

REUNIÕES

COM O GOVERNADOR CIVIL DE FARO

(Continuação da pág. 1)

e se reflecte nos próprios jogadores, faltam também instalações condignas, bem como uma sede.

Foi focado pelo dr. José Vitorino a importância do Desporto no Algarve, quer para a valorização da juventude e das populações, quer para o desenvolvimento económico regional.

Digno de apreço são as actividades desportivas amadoras promovidas pelo Sporting Farense como ténis, futebol juvenil e basquete.

Reconheceu-se que é urgente a atribuição dos apoios possíveis à colectividade mas que essencialmente terá que ser a própria cidade de Faro a ajudar e a apoiar a sua equipa, sobretudo através do aumento do número de sócios.

NA CÂMARA DE SILVES

Também no dia 4 de Março, o Governador Civil esteve na Câmara de Silves, onde se reuniu com o Presidente, sr. José Viseu, bem como com todos os vereadores. Foi analisada a importância do concelho, nomea-

damente nos aspectos agrícola e turístico.

Foi considerada a grande importância e urgência no início das obras de barragem do Funcho/Odelouca para o concelho e para o Algarve.

No aspecto turístico, para além da conveniente exploração da riqueza arquitectónica da cidade, são notórios a falta de instalações e camas na cidade de Silves, bem como a necessidade de se iniciarem as obras de ampliação e restauro do Casino de Armação de Pera que, no seu conjunto, constituirá a sala de visitas daquela freguesia de grande importância no turismo algarvio.

Focados ainda os problemas ligados: à falta de habitação social; saneamento especialmente em Algoz e Tunes; saúde, exigindo-se o conveniente aproveitamento e funcionamento do hospital; educação em que o material humano e as infraestruturas da Escola Secundária e Preparatória deverão ser melhor aproveitadas pelos serviços oficiais; desporto, com a falta de instalações para a prática de diversas modalidades, etc.

Mais uma iniciativa do Racial Clube

I CONGRESSO NACIONAL SOBRE O ALGARVE

Durante todo o ano de 1980 vai o Racial Clube comemorar o 10.º aniversário da sua fundação.

Para além das iniciativas chamadas tradicionais, e que este ano virão a ter ainda maior impacto e brilhantismo, o Racial vai fazer algo que reputamos de particularmente importante: a análise de vários sectores muito sensíveis ao Algarve.

Daí ter metido ombros a uma iniciativa que cremos que se impunha, e fazemos votos para que as conclusões atingidas durante o Congresso se encontrem caminhos que permitam uma melhoria sensível na vida dos algarvios nos vários aspectos que vão ser tratados.

Durante a reunião com os órgãos de Informação foi distribuído um elucidativo folheto do que vai ser o I Congresso Nacional sobre o Algarve. Entendeu bem o Racial que tal reunião se fizesse em Lisboa, centro nevralgico da Informação

do País, e, para tanto, criou-se uma oportunidade para saber o que se vai passar. Durante esse encontro no bar do Restaurante Algarve do Centro Comercial do Rossio, souberam-se as primeiras notícias dadas por membros da Direcção do Racial e, principalmente, pelos do Secretariado do Congresso, Eduardo Cabrita dos Santos, eng. João Guerreiro Matoso e Dr. Jorge Silva Pereira.

Foram já convidadas para apresentarem comunicações ao Congresso personalidades do maior destaque nos temas que serão tratados, e tudo leva a crer que a realização atingirá os seus propósitos.

O primeiro arranque já foi dado e o Algarve vai ver tratados, pela primeira vez em Congresso, os seus múltiplos problemas. Tornamos a repetir os nossos votos: que isso ajude a encará-los de frente e a resolvê-los!

TERRENOS

Vendo lote situado entre a Fonte Santa e o mar, e outro no sítio das Pereiras — ideal para construção.

Tratar com: Joaquim Faísca — Torre Azul, 1.º-C — QUARTEIRA.

(2-1)

TERRENOS ALGARVE

QUINTAS, FAZENDAS, COURELAS (C/ OU S/ CASA).

PARA TODAS AS DIMENSÕES, PREÇOS E LOCALIZAÇÕES.

COMPRA E VENDA: JOSÉ VIEGAS BOTA — R.

SERPA PINTO, 1 a 13 — TELEF. 62634 — LOULÉ.

QUE TEM DE ORIGINAL A NOSSA DEMOCRACIA?

Por: FILIPE VIEGAS

É corrente referirem-se a «Portugal» como o país da «Original Democracia», surgida após a «Revolução dos Cravos».

A originalidade deve ser por surgida, a «Democracia», duma acção revolucionária armada sem confrontação, sem sangue derramado, como se de facto se tratasse de um cortejo armado sem prévio anúncio.

De original, por também a portuguesa e tutelada por um «Órgão Estatal» surgido, o «Conselho da Revolução» com representação político-militar das nossas forças armadas.

Assim ao C. R. competia-lhe assegurar paternalmente o crescimento e educação do rebento, surgido pela «Original e Insólita Revolução», e que se pretendia desenvolvesse e educasse em obediência ao «espírito e fins» da «Revolução», sendo a tutela retirada à «Jovem Democracia», quando auto-suficiente e amadurecida, a caminhar por si.

Aconteceu que, forçadamente por circunstâncias surgidas, anormais, no processo democrático, a jovem e inditosa Democracia foi submetida a testes:

O primeiro no dia 2 de Dezembro de 1979, com eleições legislativas intercalares e o segundo, nas eleições das autarquias no dia 16 de Dezembro, a seguir.

No primeiro teste, os dados foram francamente animadores e positivos quanto a auto-suficiência, amadurecimento e independência da «Jovem Democracia».

No segundo teste as provas confirmaram em absoluto os dados do 1.º teste, não dando lugar a dúvidas, protestos nem deturpações aos resultados válidos.

Perante estes incontestáveis factos democráticos, que depreender de comentários e atitudes tomadas por componentes do «C. R.» em relação à actualização legítima do «Governo do Dr. Sá Carneiro», surgido do acto do voto livre nas urnas em 2 de Dezembro em franco e respeitável clima democrático?

Porquê se não conformarem, com as regras institucionais democráticas e legítimas, perante o actual «Executivo», se de defensores se trata e relevantes paternalistas, membros do protector C. R. da «Jovem Democracia», já identificada e definida comprovadamente, como de

adulta e com direitos à sua plenitude, pela independência e liberdade?

Se o «Governo» está a governar, por vontade expressa da maioria absoluta popular, porque não respeitar e obstruir o «mandato legítimo» do «Poder do Povo», essência do conceito democrático, que se traduz na escolha livre dos elementos que ocupam e formam os diversos «Órgãos do Estado», da representação do «Querer Popular Democrático»?

Quem não aceita a plena democracia, naturalmente que, de democrata nada tem, embora faça uso do rótulo por interesse e conveniência, para mascarar as suas tendências ideológicas e obedecer aos seus interesses pessoais e estranhos à opção ditada pelos que, se regulam pelas regras e métodos inerentes às instituições dos sistemas democráticos?

Pelo que, se está a passar no nosso «País», com fins de desestabilização e de insurreição até nalgumas zonas, comprova-se que, existem forças políticas que não estão interessadas na promoção do regime democrático, ora instituído, forças essas em estado de estertor.

As greves identificadas como não reivindicativas de aumentos de salários, são de natureza político-social e não laboral,

nas empresas consideradas pelo Governo «em situação económica difícil», caso da C. P., da R. N., estando o País na perspectiva de paralisação dos transportes públicos.

O que num País Democrático Ocidental poderia originar manifestação de ruas, dá lugar em Portugal a paralisações, com total desprezo tanto pela legitimidade do Governo como pelos problemas de vida dos utentes, o público em geral, dos transportes.

No Alentejo na zona da Reforma Agrária, o conflito torna-se perigoso, pelo facto de não contestarem uma usurpação mas sim desafiarem o cumprimento de leis votadas pelo parlamento.

É caso para interrogarmos e perguntar, que tipo de democracia é este, a que compará-lo?

Os estudiosos políticos, os politólogos com certeza, que teriam dificuldade em o definir e caracterizar. Será também, que por tal se referem ainda, tanto interna como externamente, à «originalidade da Democracia», por se não ter conduzido pelo racional e lógico nem se ter orientado para o enquadramento nos tipos de regime democrático, que o Governo actual pretende e o Poder Popular optou?

Recenseamento Agrícola do continente

Iniciou-se no dia 14 de Janeiro o Recenseamento Agrícola do Continente, prevendo-se que a recolha da informação se prolongue por 4 meses.

Este Recenseamento abrange todas as explorações agrícolas (qualquer que seja o tipo de produção: agrícola, pecuária, florestal ou mista) e todos os detentores de gado e animais de capoeira.

Com este recenseamento pretende-se obter informações sobre características da exploração agrícola, do produtor agrícola e seu agregado doméstico: emprego, formas de utilização da terra, área das culturas, efectivos pecuários, máquinas e equipamentos, instalações e algumas informações sobre rega, fertilizantes e pesticidas, crédito, etc..

A informação a recolher é fundamental para o planeamento agrícola e indispensável pa-

ra o estabelecimento de estatísticas correntes (de periodicidade mensal ou anual) e inquéritos estatísticos específicos.

O êxito do Recenseamento depende da sinceridade dos informadores.

As informações individuais recolhidas são confidenciais e os agentes (cerca de 2 000) estão sujeitos ao segredo estatístico sob pena de sanções legais.

Os agentes apresentam-se devidamente credenciados.

TRIBUNA MUSICAL

Críticas, ensaios e comentários
Secção de JORGE PINTO

A GERAÇÃO DO POP (2.ª Parte)

— OS ANOS 60

Se na década de 50 os ingleses se limitaram a copiar com pouco sucesso aquilo que os americanos faziam, os anos 60 são marcados pela superprodução britânica. Entretanto os ianques mantiveram-se, com uma recaída devida a quatro rapazes que surgiram do cais de Liverpool empunhando guitarras eléctricas e cantando as suas próprias canções, em pubs e grandes espectáculos — eram... OS BEATLES! Os seus primeiros discos foram top's, devido ao sucesso local que tinham grangeado com os seus espectáculos e actuações ao vivo e à enorme capacidade de composição da dupla Lennon-McCartney.

A «Hard Day's Night», «Help» e «Let It be» são discos que ressaltam de entre outros, bandas sonoras dos filmes que faziam esgotar bilheteiras, não esquecendo os famosos concertos que arrancavam gritos histéricos de gargantas das miúdas, quando toda a assistência se agitava, plena de euforia — Mas não foram só os Beatles, e na América surgem os «Beach Boys», que além de fazerem surf apoiavam o seu som em coros e arranjos vocais. Mas foram êxitos menores, e voltamos à Grã-Bretanha — a Londres. Desta vez é um grupo de cinco cabe-ludos — Os Rolling Stones. Tocavam velhos Rhythm'n and Blues e nunca tiveram grande acolhimento da sociedade formal, exactamente ao contrário dos Beatles, que foram nomeados «cavalheiros do Império», pela Rainha. A sua obra reveste-se de um conteúdo social profundo, que revela o absurdo das nossas instituições e o ridículo das normas da sociedade (eles tinham razão). Várias vezes foram presos por posse de droga, como veio a acontecer com os Beatles, que após um

período surrealista fortemente baseado nas curtições do LSD se vieram a separar, em 1970.

Outro personagem de grande importância na cultura popular foi sem dúvida Bob Dylan. A importância decisiva de Bob Dylan deve-se, em grande parte, ao inconformismo da sua obra, situada próximo do Rock mas com fortes características Folk, canção-política por excelência, de quem apareceram fortes apologistas, de entre os quais Joan Baez.

(continua)

CAMPINA DE CIMA
LOULÉ



ANTÓNIO RODRIGUES

AGRADECIMENTO

Sua esposa, filhos e restante família, desejando evitar qualquer falta involuntária, por desconhecimento de moradas e ilegitimidade de assinaturas de todas as pessoas que, de qualquer forma, compartilharam na sua dor, vêm tornar público o seu agradecimento a quantos se interessaram pelo estado de saúde do saudoso extinto durante a doença que o vitimou e bem assim a todos aqueles que o acompanharam à sua última morada.

Para todos, o penhor da nossa gratidão.

ESTABELECIMENTOS TEÓFILO FONTAINHAS

NETO, C. I., SARL

CONVOCATÓRIA

São convocados os Senhores Accionistas a reunirem-se em Assembleia Geral Ordinária no dia 29 de Março de 1980, pelas 15 horas, na sede Social, na Rua João de Deus, 57/73, em São Bartolomeu de Messines, com a seguinte ordem de trabalhos:

- 1.º — Apreciação e votação do relatório, balanço e contas da Administração e parecer do Conselho Fiscal, relativos ao exercício de 1979;
- 2.º — Eleição da Assembleia Geral, Conselhos de Administração e Fiscal para o triénio de 1980 a 1982.

São Bartolomeu de Messines, 5 de Março de 1980.

O Presidente da Assembleia Geral,
MARIA SIMÕES VIEIRA

V E N D E - S E EM LOULÉ



a Fábrica de Bolos

LUSITANIA DO SUL, LDA.

COM ÁREA COBERTA DE 600 M2 E PROJECTO APROVADO PARA MAIS 600 M2

CAPACIDADE DIÁRIA DE PRODUÇÃO: 3000 QUILOS

COLOCAÇÃO ASSEGURADA

EQUIPADA COM MODERNÍSSIMAS MÁQUINAS AUTOMÁTICAS

Rua Afonso de Albuquerque, 105

Telefone, 63162

LOULÉ

(4-1)

Yasser Arafat sem máscara

(Continuação da pág. 1)

único meio de conseguir a libertação da terra palestina». O prestigioso jornal, na altura, «O Dia», fez os seus comentários, que ora se confirmam pela razão.

Arafat usou, por simulação, uma linguagem e apresentou uma imagem, de moderação afirmando que, havia passado definitivamente a época da violência e do terrorismo.

Com uma atitude, tipo conciliatória Arafat, revelou o seu desejo de que a questão da Palestina fosse solucionada por negociações pacíficas.

No entanto a verdade é que o referido, usa uma política de duas caras, a destinada ao público palestino, ao árabe, aos amigos incondicionais e a que tem por fim obter o apoio do «Mundo Livre Ocidental», para a causa que defende.

Em entrevista concedida ao jornal «El Mundo», de Caracas, não consegue ele, aguentar a máscara da moderação afirmando:

«A paz para nós significa destruição de Israel e estamos a preparar-nos para uma guerra total, uma luta que poderá durar gerações. Desde Janeiro de 1965, quando nasceu a «A Fatah», que nos tornamos os piores inimigos de Israel.

Recordando, o dirigente Arafat, que os objectivos da luta continuam a ser os mesmos desde 1965 a saber:

1 — Violência revolucionária como único meio de conseguir a libertação da terra palestina.

2 — O objectivo desta violência é a destruição do sionismo e de todas as suas formas política, económica e militar e a sua consequente expulsão da Palestina.

3 — A actividade revolucionária deve ficar independente de qualquer partido ou Estado.

4 — A acção revolucionária será de longa duração, dado que se conhecem as intenções de alguns dirigentes árabes, que desejam solucionar o conflito por meios pacíficos, facto que contará sempre com a nossa inteira oposição.

Perante tais afirmações de facto, duma personalidade radicalmente agressiva, parece que é preciso muita ingenuidade,

para se ter acreditado nas boas intenções de «Paz» e se ter recebido com honras, só oferecidas a altas personalidades dignas de as merecerem e não a um dirigente, adepto máximo da teoria e prática da acção terrorista, com utilização indiscriminada de todos os meios e instrumentos ao seu alcance.

Em conferência de imprensa recente, relacionada com a visita do embaixador da Arábia Saudita a Portugal, a convite do P. S. D., afirmou aquele embaixador que nenhum impedimento existe para o estabelecimento de relações diplomáticas entre os dois países, acrescentando que a sua concretização depende apenas de **problemas financeiros** e que embora Portugal tenha reconhecido o Estado de Israel, a posição do nosso Governo (Dr. Sá Carneiro) revela justiça e compreensão, quanto ao processo para encontrar a «Paz» no Médio Oriente. Admitiu o embaixador Nasser Almonguor, da Arábia Saudita, a hipótese do aumento do fornecimento de petróleo a Portugal, considerando importante a criação da câmara de comércio mista, para o incremento das exportações portuguesas para aquele país.

O ministro adjunto do primeiro ministro, Pinto Balsemão, que participou na referida conferência de imprensa, referiu que: a questão do Médio Oriente foi analisada em comum e reafirmou a posição do

partido P. S. D. reconhecer, a O. L. P. (Organização da Libertação da Palestina), como legítima representante do povo palestino.

A conferência estiveram presentes elementos privilegiados nos contactos de aproximação entre os dois países.

O embaixador Almonguor, regressou a Madrid, depois dos contactos com vários membros do VI Governo, em destaque os encontros com: o dr. Sá Carneiro, dr. Freitas do Amaral, Pinto Balsemão, Silva Pinto e Pires Miranda.

Aquele embaixador assistiu à cerimónia de lançamento da primeira pedra da mesquita da «Comunidade Islâmica» a edificar em Lisboa.

As conclusões foram: pela predisposição das duas partes na urgência do estabelecimento de relações diplomáticas.

Depois deste já longo texto, que envolve questões intrincadas pelas relações que envolvem entre si, que concluir em síntese?

O jornal «O Dia», donde se extraíram as comunicações públicas, apresenta dois artigos sob títulos: primeiro, — Arafat perde a máscara: — só descansaremos com a destruição de Israel e segundo, — «Exigência ou concessão?» Petróleo da Arábia Saudita em troca do «sim» a O. L. P.

Quanto a nós diremos: o futuro dirá.

S. A.

O SOL será motivo predominante dos «Jogos sem Fronteiras» a realizar em Vilamoura

(Continuação da pág. 1)

tuam, ou melhor, mostram, com ar de graça, tudo o que o Algarve oferece aos visitantes.

Como habitualmente realizam-se oito jogos e um «fil rouge». O sol é a atracção número um e através da rede da Eurovisão vamos dizer à Europa que nos visita que o «astro-rei» brilha nas praias algarvias pelo menos 3179 horas por ano. As nuvens dos adversários serão impotentes nas suas tentativas de o obscurecerem.

Os outros jogos relacionam-se com a pesca, as sardinhas do Algarve, o ski aquático, desporto com grande aceitação durante os meses de verão e, ainda, motivos que se prendem com as rústicas chaminés e a pesca submarina. Há também jogos em que se verão bailarinas dentro de embarcações e finalmente recordar-se-á Camões, levando em conta que poucos dias depois se comemora o 4.º centenário da morte do poeta.

Quanto ao «fil rouge» sabemos que vai incidir em motivos de culinária. Como não podia deixar de ser o tema passa-se à volta de uma cataplana, vulgarmente concebida na preparação de ameijoas. Desta vez vai mostrar-se que «não é só de ameijoas que vivem as cataplanas», misturando-se o marisco com peixes, ao mesmo tempo

que gaiotas se confundem com gatos.

Quanto à pesca submarina, podemos também adiantar que os pescadores dedicar-se-ão aos polvos. No Algarve este tipo de pesca faz-se através de alcatruzes. Nos jogos, os concorrentes terão de passar por debaixo de arame farpado a três metros de altura e com um balão pendurado que tem um cordel de quatro metros. Caso os balões toquem no arame, rebentam.

Na verdade todos os jogos são cheios de vivacidade e o local escolhido só contribuirá para o êxito dessa realização.

Além disso, mercados turísticos importantes como a Alemanha Federal, Inglaterra, França e os países do Benelux não só estarão entre nós como assistirão via Eurovisão aquilo que o Algarve se propõe mostrar.

Os participantes aos jogos chegam a Portugal no dia 24 de Maio e até ao dia 27 confraternizarão entre nós, estando também prevista uma excursão aos principais pontos do Algarve no dia anterior aos jogos, que casualmente se realizam a uma terça-feira, devido à transmissão, no dia seguinte, da final da taça dos Clubes Campeões Europeus de Futebol.

VALVERDE — Empreendimentos Turísticos, Limitada

Certifico para efeitos de publicação que, por escritura de 5 de Dezembro de 1979, lavrada no Cartório Notarial de Lagoa — Algarve, a cargo da Licenciada Catarina Maria de Sousa Valente, e exarada de folhas 67 a folhas 70 verso, no livro de notas para escrituras diversas A-99; — a sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada de «Quadrinhos — Empreendimentos Turísticos, Limitada»; e José Francisco Lisboa, constituíram entre si uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada que se regerá nos termos constantes dos artigos seguintes:

Primeiro: — A sociedade adopta a denominação de «VALVERDE — EMPREENDIMENTOS TURÍSTICOS, LIMITADA», e tem a sua sede no sítio de Vale de Lobo, freguesia de Almancil, concelho de Loulé.

Segundo: — A sua duração é por tempo indeterminado, entrando hoje em exercício.

Terceiro: — A sociedade tem por objecto:

a) O exercício de quaisquer actividades relacionadas com o turismo;

b) a compra e venda de prédios rústicos e urbanos;

c) o aproveitamento, em toda a sua modalidade, de quaisquer imóveis, próprios ou alheios;

d) A administração de bens alheios;

e) qualquer outra actividade a que a sociedade, mediante prévia deliberação da Assembleia Geral, resolva dedicar-se.

Quarto: — Um: — O capital social é de 5 500 000\$00, e n.c. contra-se integralmente realizado em dinheiro e cor-

responde à soma das quotas dos sócios que são as seguintes:

Uma quota de 1 100 000\$, pertencente ao sócio Bosé Francisco Lisboa.

E outro de 4 400 000\$00, pertencente à sócia «Quadrinhos — Empreendimentos Turísticos, Limitada».

Dois: — Por deliberação maioritária, poderão ser exigíveis prestações suplementares de capital, até ao limite de 6 000 000\$00 podendo contudo qualquer sócio fazer à Caixa Social os suprimidos de que ela carecer, nos termos e condições que os sócios acordarem em Assembleia Geral.

Quinto: — Um: — Os sócios têm preferência na subscrição dos aumentos de capital social, na proporção das respectivas quotas.

Dois: — A subscrição, por estranhos, de aumento do capital social depende do consentimento da sociedade.

Sexto: Um: — A cessão total ou parcial de quotas, mesmo entre os sócios depende do consentimento da sociedade.

Dois: — O sócio que pretenda ceder a sua quota, deverá comunicá-lo à sociedade e aos outros sócios, por carta registada, indicando a identidade do cessionário e as condições da cessão.

Três: — Recebida a comunicação referida no número anterior, a gerência convocará imediatamente a Assembleia Geral para deliberar sobre a autorização da cessão.

Quatro: — No caso de não ser autorizada a cessão pretendida, e o sócio pretender abandonar a sociedade, esta ou, no caso de aquisição não ser legalmente possível, os

demaís sócios, obrigam-se a adquirir a respectiva quota, na proporção das quotas que cada um possuir.

Cinco: — A aquisição prevista no número anterior far-se-á pelo preço que corresponda ao valor resultante do último balanço aprovado.

Seis: — A sociedade poderá adquirir quotas próprias e fazer com elas as operações legais que entender.

Sétimo: — Um: — Os sócios não poderão onerar, por qualquer modo as suas quotas sem o consentimento da sociedade.

Dois: — Sempre que um sócio pretenda onerar a sua quota, deverá observar-se o procedimento previsto no artigo anterior.

Oitavo: — Um: — A sociedade poderá adquirir ou amortizar a quota de qualquer sócio, nos seguintes casos:

a) Havendo acordo do sócio;

b) Por morte, interdição ou inabilitação do sócio;

c) Quando o sócio onerar a sua quota sem observar o disposto no artigo anterior;

d) Quando a quota seja objecto de penhora ou, por qualquer outro modo, apreendida em processo judicial.

Dois: — A cessão ou amortização da quota, deverá ser deliberada e realizada no prazo máximo de três meses a contar da data em que a sociedade teve conhecimento do facto que lhe deu origem e a contrapartida da amortização ser igual ao valor que à quota corresponde no património líquido da sociedade, de acordo com o último balanço aprovado.

Três: — A promessa de cessão de quotas, constantes deste artigo e do artigo sexto do pacto social, tem eficácia real e é susceptível de execução específica.

Nono: — A administração da sociedade e a sua representação, em juízo e fora dele, ficam a cargo dos gerentes, que podem ser ou não sócios.

§ Primeiro: — Compete à Assembleia Geral fixar o número dos gerentes.

§ Segundo: — Os gerentes são dispensados de caução sendo ou não remunerados conforme deliberação da Assembleia Geral.

§ Terceiro: — Os gerentes poderão constituir procuradores para a prática de actos determinados, nos termos da Lei.

Décimo: — A sociedade obriga-se mediante a assinatura de dois gerentes, salvo em assuntos de mero expediente em que basta a assinatura de um deles.

Décimo Primeiro: — Quando a lei não exigir formalidades ou prazos especiais, as reuniões da Assembleia Geral serão convocadas por meio de cartas registadas com aviso de recepção dirigidas aos sócios com pelo menos oito dias de antecedência ou por outro meio considerado suficiente por todos os ócios.

Décimo Segundo: — A sociedade dissolve-se nos casos previstos na Lei, sendo liquidatários os gerentes, salvo deliberação em contrário da Assembleia Geral.

Está conforme.
Cartório Notarial de Lagoa, 17 de Dezembro de 1979.

A Ajudante,

(Assinatura ilegível)

Ao Divino Espírito Santo

Agradeço graça recebida.

L. E.

Moto-Gadanheira

(CEIFEIRA)

VENDE-SE

Informa Stand Avenida
Telefone 62432

LOULÉ

VENDE-SE

Um prédio, com 15 divisões, cisterna e quintal, no serro de Vale Judeu.

Tratar com Manuel dos Santos Mendes — Vale Judeu — LOULÉ.

(3-3)

Joaquim Alberto Coelho Gomes

CONTABILISTA

Escritas dos grupos A e B.
Rua Pedro Nunes, 19 —
FARO — Telef. 65319 (Cassino de Vilamoura).

(6-6)

São ferraduras a mais...

PARA PAÍS TÃO PEQUENO...

(Conclusão)
Só que as coisas reais não jogavam com as expectativas. Quanto mais aumentavam o número de Funcionários e as despesas do ministério mais diminuía a produção. Produzia-se cada vez menos trigo. Produzia-se cada vez menos milho. Produz-se menos cevada e aveia. Paralelamente, importavam-se mais cereais, mais carne, e, até, mais... vinho (veja-se só!!)...

ALGO ESTARÁ ERRADO

E como algo, de facto, esteve errado, tomou-se uma decisão, «certada e oportuna». Como o pessoal ainda não chegava pois meteu-se mais pessoal. Mais gente para ajudar outra gente a fazer com que outras gentes invertam o processo da quebra das nossas produções, da ace-

leração das nossas importações, e, finalmente, para que possamos caminhar, agora sim, para a auto-suficiência, a tão desejada, e possível segundo algumas, independências em matéria de produtos alimentares.

E ASSIM SE CHEGOU A 18 MIL

Eram os finais de 1979. Misturados com os festejos de Natal as expectativas do Agricultor redobram. Agora é que vai ser. Vamos invadir a Europa. Não de emigrantes, já. Mas de produtos da terra. Com não muito mais gente fomos invadidos pelos Franceses no século passado. E tomaram conta do País... Com 18 mil a «produzir» vamos agora nós, à conquista da Europa...

Para tanto temos os meios... Senão, vejamos...

— Temos para aí 4000 Freguesias. Está bem?

— Temos para aí 300 Concelhos. Está bem?

— Temos para aí 3 milhões de hectares agricultáveis. Está bem?

Se assim é, então:
* Temos 4 a 5 funcionários por Freguesia, isto é,

* Temos 60 em cada Concelho, isto é,

* Temos 1 para 166 hectares aráveis.

Estão de parabéns os Concelhos e as Freguesias... e os hectares. Com tantos Funcionários a ajudá-los a viver melhor e a produzir mais... E, se cada exploração agrícola portuguesa tivesse a mesma dimensão média das explorações agrícolas dos Estados Unidos, por exemplo, teríamos então, 1 Funcionário em cada empresa agrícola!!!

Sim, a coisa agora vai... Tem mesmo de ir... Mas para onde?

Não serão funcionários a mais para País tão pequeno?

I Encontro Espeleo-Arqueológico do Algarve

De 1 a 3 de Abril vai decorrer, em Moncarapacho, o I Encontro Espeleo-Arqueológico do Algarve, iniciativa do Centro de Estudos Espeleológicos e Arqueológicos do Algarve, com sede naquela localidade.

É seu objectivo, para além da comemoração do centenário da espeleologia, dar a conhecer o que na provincia se vem realizando nos domínios desta actividade e da arqueologia, mostrando as experiências realizadas e definindo normas de actuações neste vasto campo.

Os esclarecimentos sobre este I Encontro Espeleo-Arqueológico do Algarve, que terá o patrocínio de algumas entidades oficiais, podem ser solicitados ao Centro de Estudos Espeleológicos e Arqueológicos do Algarve — Cerro da Cabeça — Moncarapacho.

As Caldas de Monchique começam a despertar?

Com a colaboração da Direcção Geral de Desportos, a ENATUR vai construir nas Caldas de Monchique um circuito de manutenção.

Para estudar a instalação deste apetrechamento desportivo visitou o local o prof. Eduardo Tenazinha, delegado no Algarve da DGD que reuniu com os srs. Alvaro Santos e Brito Figueira.

Para além de outras obras a realizar no ano em curso pela ENATUR vão ser investidos de imediato cerca de 2500 contos na recuperação do secular edifício denominado de «Casino», que constitui o único local de diversão e animação turística da estância termal das Caldas de Monchique.

A Voz de Loulé, n.º 769 / 13-3-80

TRIBUNAL JUDICIAL
DA COMARCA
DE LOULÉ

ANÚNCIO

(1.ª publicação)

Pela 1.ª secção do Juízo de Direito da comarca de Loulé, correm éditos de 20 dias, contados da 2.ª e última publicação do presente anúncio, citando os credores desconhecidos dos executados FRANCISCO DE ASSIS CABRITA MONIZ BARRETO e mulher MARIA RAQUEL DOS RAMOS CONDE MONIZ BARRETO, ele trabalhador bancário e ela doméstica, moradores na rua João Coimbra, n.º 5, 5.º, esq.º, no Bairro do Rosário, da vila e comarca de Cascais para, no prazo de 10 dias posteriores ao dos éditos, reclamarem o pagamento dos seus créditos pelo produto dos bens penhorados sobre que tenham garantia real, nos autos de execução de sentença com processo sumário para pagamento de quantia certa n.º 22-B/76 que lhes move o Banco Português do Atlântico.

Loulé, 29 de Fevereiro de 1980.

O Juiz de Direito,

a) Mário Meira Torres Veiga

O Escrivão de Direito,

a) João do Carmo Semedo

ALFARROBEIRA — LOULÉ



MANUEL DE JESUS
GUERREIRO

AGRADECIMENTO

Sua esposa, filhos e restante família agradecem a todas as pessoas que de qualquer forma compartilharam da sua dor, vêm tornar público o seu mais penhorado agradecimento a todos aqueles que o acompanharam à sua última morada, numa derradeira expressão de pesar que calou fundo nossos corações.

Para todos o penhor da nossa gratidão.

LOULÉ



FILIPE DA COSTA

AGRADECIMENTO

Sua esposa na impossibilidade de agradecer pessoalmente, por ilegitimidade de assinaturas, como seria seu desejo a todas as pessoas que acompanharam os restos mortais do seu ente querido à sua última morada ou de qualquer modo expressaram o seu pesar compartilhando da sua dor, vem por este meio manifestar a todos o seu mais profundo agradecimento.

FOLHETIM «AS MOURAS ENCANTADAS E OS ENCANTAMENTOS DO ALGARVE», pelo Dr. Ataíde Oliveira

tar e, enquanto a mulher com a jumenta pela arreata se dirigia a uma casa ali próxima, ele saiu da estrada alguns passos. Então apareceu-lhe novamente a moura, que ele conheceu pelo timbre da voz. Increpou-o da falta de palavra, por não ter levado a resposta prometida.

— Por isso, continuou ela com a voz um pouco alterada, estás sofrendo os terríveis efeitos, e sabe mais que se te poupei a vida foi porque não caíste em divulgar o meu segredo e dos meus pobres irmãos.

O almocreve mal ouviu a moura falar nos seus pobres irmãos, pôs-se a tremer.

A moura, porque nada lucrasses com a infelicidade do almocreve ou porque se condessse do estado desgraçado daquele pobre, abrandou a voz e disse:

— Vai para casa. Amanhã, antes do sol nado, senta-te à tua porta, porque no momento de nascer o sol, os teus olhos darão dois estalos, como duas amêndoas duras, e então começarás a ver: primeiramente as casas fronteiras do Padre José Dias e as gaiolas com os seus lindos canários dependurados na parede, e depois os belos campos que circundam a povoação.

Ficou o cego satisfeito com este conselho e pôs-se a chamar a mulher logo que se encontrou sozinho.

Acudiu a mulher e veio acompanhada do dono da casa para a ajudar a pôr o marido sobre a jumenta.

— Resolvi voltar para casa disse o cego.

— Pois não queres consultar os médicos?

— Não. Quantas mais consultas pior me encontro. Estamos pobres e não quero deitar à rua o último dinheiro que possuo.

E ambos voltaram para casa.

No dia seguinte, muito antes do sol nado, ergueu-se o infeliz almocreve da sua cama e pediu à mulher que o acompanhasse à porta da rua.

— Para que te levantas tão cedo, homem?

— Quero sentar-me sobre o portal, ouvir os cantos dos passarinhos, já que os não posso ver e aspirar a doce e suave fragância das rosas.

A mulher acompanhou o marido arrumado ao seu bordão, e sentou-o sobre o portal, enquanto ela varria a casa.

Apenas nasceu o sol, foram tão fortes os dois estalos anun-

ciados pela moura que a mulher, na suposição de que o marido andava à bordoadada com as pedras da calçada, começou a gritar do interior da casa aconselhando ao marido juízo e prudência.

Em resposta o marido deu dois enormes gritos exclamando:

— Vem cá, mulher... vejo o sol, as casas do padre José e a gaiola dos canários.

E era verdade. Cheia de alegria por ver o marido com os seus olhos limpos de névoa pôs-se a abraçá-lo.

Não diz a lenda se o almocreve tornou a passar pelo sítio do Milreu, mas muita gente afirma que ainda hoje aparece a moura desditosa à espera de quem a desencante e aos seus irmãos.

Em Guelhim, sítio da mesma freguesia, bem como na Alcaria Velha e Nova, existem várias lendas de mouras encantadas, mas, não obstante empregar todos os meios, não obtive nenhuns esclarecimentos.

A freguesia de Estoi mantém em tanto recato as suas lendas que nem ainda o cavalheiro daquela localidade a quem incumbi a missão de descobrir algumas se dignou responder às minhas cartas.

XVII

OS MOUROS DE ALPORTEL

Não obstante a carência quase completa de mouros encantados na freguesia de S. Brás de Alportel, é certo que esta freguesia tem sítios que assinalaram no tempo dos mouros, por factos históricos ou por denominações mouriscas, chegadas até hoje.

Entre os sítios de primeira classe mencionarei o do Desbarato, entre S. Brás e Santa Catarina da Fonte do Bispo. Houve ali um forte combate entre os sarracenos e os cristãos e que um cronista contemporâneo descreve pela seguinte forma:

«... e logo os moros forão em hum acordo e todos se trabalharam defender sua terra e quando os moros de farão e tavra e dos termos em redôr soberão que o mestre (D. Paio) hera sahido de caxella a correr pelo algarve mandarão dizer aos moros de loulé que no dia seguinte focem com elles para todos terem

Para os que têm ouvidos e não ouvem

e

Para os que têm olhos e não vêem

X

Por lapso tipográfico, ficou por publicar a parte final do capítulo X da série de artigos com o título em epígrafe. Assim publicamos hoje a parte em falta, pedindo desde já as nossas desculpas ao autor e aos nossos leitores do sucedido.

Senhor! Os vossos maiores e eu lidámos juntos há sessenta anos nos campos de batalha, eles pela sua e vossa coroa, e eu pelos meus bens e liberdade. Ambos combatemos o bom combate em duros lances de morte, ambos vencemos a nossa causa, em dias felizes de glória. A vossa coroa, senhor, vós a tendes em vós e em vossos filhos, mas os meus bens e a minha liberdade não os tenho eu, senhor! Nas câmaras, que eu fundei para a representação dos meus direitos, ninguém, advoga a minha causa, ninguém defende as minhas súplicas. Os meus representantes caminham à voz dos seus chefes, e ao sabor dos seus interesses. As minhas câmaras em que eu puzera tanta fé e fundara tanta esperança faliram totalmente para a minha salvação. E os ministros, que eu instituíra para fiéis mandatários dos meus designios, esses preferiram também à minha causa a causa dos partidos, e acompanharam na falência as câmaras, senhor. Vêdes estas feridas abertas que me desfeiam o rosto, e estas chagas cancerosas a corroerem-me o corpo todo? As primeiras, senhor, fez-mas o engenho dos mais conspícuos. As outras, foi a honradez dos incapazes!

E no meio das ruínas das minhas ilusões, e no chão amargurado do meu infatúo, vós, que sois o meu rei, o que me tendes feito, senhor? Perdoai que vo-lo diga, mas vós não tendes sido o rei que eu desejara.

Havéis sido um moço príncipe, ilustrado e honesto, mas nem sempre haveis cumprido o vosso duro ofício de reinar. Eu fiz-vos um rei constitucional, e um rei constitucional não um rei ministerial. Fiz-vos hereditário para que não estivesseis dependente nem dos meus ministros, nem das suas clientelas. Estabeleci a vossa irresponsabilidade para que não tivésseis receio das críticas dos partidos ou da sentença das paixões. Cerquei-vos de corpos consultivos para os ouvidos em horas difíceis, e discutirdes com eles os vossos intentos. Assegurei-vos, finalmente uma condigna dotação para que todo o vosso tempo fosse empregado em velar pelos bens e liberdades. E como tendes vós correspondido a tudo o que vos dei e a tudo quanto vos fiz, no desempenho do supremo cargo que incumbi à vossa guarda?

Vós o sabeis, senhor! Abdicando, modestamente da vossa autoridade na autoridade dos ministros, que vos falam de maiorias parlamentares, por eles próprios fabricadas, sob o vosso patrocínio! Não, senhor, não foi essa a doutrina que escrevi na carta com o sangue do meu corpo, e não é essa a lei do trono que eu sustento com o suor dos meus impostos. O que escrevi e o que eu sustento é que vós, como chefe do poder executivo, deveis colaborar com os ministros em todos os actos do governo, velando incessantemente para que eles zelem os meus interesses e respeitem os meus direitos. Não vos é lícito tudo abandonar à confiança dos ministros para vos subtraídes ao vosso duro ofício de reinar. Porque os ministros saibem-o bem, por isso que são mudáveis, e tem interesses próprios apartidários, podem esquecer-se, por vezes, da minha liberdade e dos meus bens, ao passo que para vós, senhor, o vosso único partido sou eu, e além de mim não há quem possa sustentar-vos. Um trono, que se perde, não torna mais a reaver-se; as pastas ministeriais reconquistam-se nalguns meses.

Lembra-vos, senhor, que a vossa força maior está na escolha dos ministros, mas que o vosso maior dever consiste em velar pelo que eles fazem. Velai, pois, senhor, velai incessantemente e agora mais do que nunca, porque a crise é desesperada, e angustioso o momento. Dizem que a culpa é toda minha, que não tenho feito ouvir a minha voz, e que a minha indolência consentiu a situação a que cheguei. Não é verdade, senhor! A minha voz articulou-se eu no som cavo das enxadas, no silvo das locomotivas, no gemido da charrua, no estalar das pedreiras, no ruído dos meus teares, na respiração das minhas forjas, no arfar contínuo, enfim do meu labor quotidiano. Não chega a minha voz para tudo, senhor, e é por isso que os meus representantes deviam falar por mim, e é só deles a culpa inteira.

Também não foi a minha indolência quem gerou os meus desastres, vós o sabeis, senhor. Eu sou no mundo dos espíritos o que são as montanhas no mundo da matéria. Não posso deslocar-me todos os dias, nem posso mover-me a todas as horas. As deslocções dos montes chamam-se cataclismos; aos meus movimentos chamam-se revoluções. E assim como não há, a toda a hora, cataclismos no mundo físico, assim eu não faço revoluções a cada instante. Salvai-me vós, senhor, salvai-me, que não perdi ainda em vós a minha esperança! E se é preciso que o ferro me retalhe as carnes e que o fogo me queime as chagas, passai-me, senhor, no fio da espada, e que

o corpo seja envolvido em chamas. Cortai, senhor, cortai direito e fundo até aos nervos! Queimai, senhor, queimai, senhor bastante e bem, até aos ossos! Tratai-me a ferro e fogo, sem dó, sem piedade, para ficar rijo o que ficar livre, e ficar puro o que ficar salvo!

Mas aplicado esse remédio extremo, se necessário é, apressai-vos quanto antes, a cumprir e a fazer cumprir as prescrições da lei. Porque a lei, senhor, — ouvi-me atentamente — é um suave travesseiro de penas sobre o qual a cabeça dos príncipes, bem como a dos vassallos, repousa, tranqüila, e adormece, satisfeita, na beatitude do dever cumprido!

E com estas últimas palavras do Velho Portugal termina, como disse logo de início, a apreciação que viemos fazendo do folheto deixado aos homens do seu tempo pelo Dr. Marçal Pacheco, e lição para os vindouros, dado ser sabido que tudo se repete e portanto como os homens repetem constantemente os mesmos erros, é bom apontá-los e compará-los para deles se tirar a devida lição e governo de todos nós.

Simplemente voltaremos a focar a personalidade do autor do folheto para se verificar o que dele deixaram escrito algumas figuras do seu tempo.

Breve pois aqui estaremos de novo, com as nossas melhores desculpas, se sem o querer, por qualquer razão furtiva, maçamos ou maçaremos, dado não ter sido esse, nem voltar, a sê-lo, o nosso intuito.

M. J. VAZ

A Voz de Loulé, n.º 769 - 13-3-80
TRIBUNAL JUDICIAL
DA COMARCA
DE LOULÉ

ANÚNCIO

Sec. Aux. — Ex. Ord. 24/79

(1.ª publicação)

Faz saber que no dia 7 de MAIO de 1980, 10 horas, neste Tribunal Judicial de Loulé, na execução ordinária 24/79 que o Banco Português do Atlântico move contra os executados Unidade Colectiva de Produção — Jama, Mário Francisco Ferreira, Carlos Alberto de Oliveira e outros, todos residentes e com sede em Ludo — Almancil — Loulé, há-de ser posto em praça o direito ao arrendamento por 6 anos, a partir de Setembro de 1976, feito pelos executados a José Martins Nunes, residente em Almancil, de um prédio rústico sito na Quinta da Fome — Ludo — Almancil, compreendendo 5 hectares de regadio, que vai à praça pelo valor de 15 000\$00.

Loulé, 5 de Março de 1980.

O Juiz de Direito,

a) Mário Meira Torres
Veiga

O Escrivão de Direito,

a) Américo Guerreiro Correia

APRENDIZ

De 13 a 15 anos, precisa-se.

Nesta redacção se informa.

JUSTIFICAÇÃO NOTARIAL

SECRETARIA NOTARIAL
DE LOULÉ

SEGUNDO CARTÓRIO

Notário: — Licenciada Maria
Odília Simão Cavaco
e Duarte Chagas

CERTIFICO: — que para efeitos de publicação que neste Cartório, no dia vinte e nove de Fevereiro do ano corrente, e no Livro n.º B-62, de Notas para Escrituras Diversas, de folhas 149, a folhas 150 v.º, se encontra uma escritura de justificação, na qual José Henrique Simão, que também usa José Simão e mulher Deolinda Coelho, residentes na povoação e freguesia de Quarteira, concelho de Loulé, se declaram donos e legítimos possuidores, com exclusão de outrém, do seguinte prédio: — Urbano, composto de uma morada de casas térreas com quatro compartimentos para habitação e quintal, com a área coberta de cinquenta e um metros quadrados e a descoberta de oitocentos e quarenta e quatro metros quadrados, sito na Rua do Pinheiro, na povoação e freguesia de Quarteira, que confronta do norte com Rua Afonso III, do sul com Rua do Pinheiro, do nascente com Artur Leonardo, e do poente com Agostinho Viegas e outro, e que está inscrito na matriz predial respectiva sob o artigo número mil cento e trinta, com o valor matricial de oito mil seiscentos e quarenta escudos, pois foi apresentada hoje, na Repartição de Finanças deste concelho, a declaração de prédio modificado, e a que atribuem o valor de cinquenta

mil escudos, sendo o cônjuge varão o titular da inscrição matricial. Que o mesmo está omissa na Conservatória do Registo Predial deste concelho, conforme consta de uma certidão lá passada e neste acto apresentada, — Porquanto, em data que não sabem precisar do ano de mil novecentos e trinta e um, terem os justificantes, adquirido por compra efectuada a Manuel Viegas, viúvo, natural e residente na dita povoação de Quarteira, mas nunca titulada por escritura pública, e pelo preço de mil e quinhentos escudos, um talhão de terreno para construção urbana, com a área de oitocentos e noventa e cinco metros quadrados, e sobre o qual, no ano de mil novecentos e cinquenta construíram o aludido prédio. Que a partir daquela data, ano de mil novecentos e trinta e um, primeiro o terreno e depois o supra citado prédio, sempre os possuíram em nome próprio, sem a menor oposição de quem quer que fosse, posse que sempre exerceram sem interrupção, ostensivamente e com conhecimento de toda a gente, sendo assim, a sua posse pacífica, contínua e pública, pelo que também o adquiriram por usucapião, não tendo contudo, dado o seu modo de aquisição, documentos que lhes permitam fazer prova do direito de propriedade plena sobre o aludido prédio, pelos meios extrajudiciais normais.

Está conforme.

Secretaria Notarial de Loulé, seis de Março de mil novecentos e oitenta.

A Notária,

Maria Odília Simão Cavaco
e Duarte Chagas

TÉCNICOS PRECISAM-SE

Empresa imobiliária necessita, na sua equipa de fiscalização residente, em regime de tempo inteiro e exclusivo, para a construção de um hotel (400 quartos, 5 estrelas) próximo de Faro, de:

- 1 Engenheiro Técnico Civil
- 1 Engenheiro Técnico Electromecânico
- 1 Fiscal de Construção Civil (pedreiro)
- 1 Fiscal de Construção Civil (carpinteiro)

Os candidatos seleccionados, após período experimental, serão contratados por um prazo de 3 anos, excepto o Engenheiro Técnico Electromecânico que em princípio ingressará nos quadros do hotel.

EXIGE-SE:

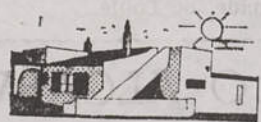
- a) Curriculum profissional
- b) Referências
- c) Experiência mínima de 10 anos
- d) Exame psicotécnico por conta da empresa

OFERECE-SE:

- a) Vencimento acima da média
- b) Regalias sociais

Resposta urgente a este jornal ao n.º 86

(4-2)



APARTAMENTOS E TERRENOS

ALUGAM-SE E VENDEM-SE APARTAMENTOS

E TERRENOS PARA CONSTRUÇÃO E AGRICULTURA.

TRATAR COM CONCEIÇÃO FARRAJOTA, RUA D.

AFONSO III - R/C, Fte. — QUARTEIRA, OU PELO TE.

LEFONE 65852 (das 20-22 h.).

(12-5)

VI Torneio Internacional do Carnaval em Vilamoura

Com larga participação de velejadores portugueses e espanhóis, realizaram-se nos dias 16, 17 e 18 de Fevereiro, ao largo da Marina de Vilamoura, o VI Torneio Internacional de Carnaval, o qual continua a despertar muito interesse entre os adeptos deste emocionante desporto.

Com magnífico sol primaveril e mar calmo, durante os 2 primeiros dias, as regatas decorreram normalmente e sem perturbações.

No 3.º dia, porém, o mau tempo pôs à prova a capacidade dos velejadores, obrigando-os a um trabalho de extenuante pericia na difícil arte de velejar... com forte ondulação e chuva constante.

Foi, por isso, uma prova emocionante e fez realçar ainda mais o mérito dos melhores.

Embora infundáveis, viraram-se várias embarcações cuja fragilidade é patente, mas rapidamente postas na posição correcta pela pericia dos seus ocupantes.

Afinal Camões já é dos Lusíadas

Para quem viu cortar dos programas escolares os textos de Camões, no tempo de Vasco Gonçalves, para os substituírem por Samora Machel ou Fidel Castro, o elogio de Cunha a Camões no Alto da Ajuda parece uma anedota. A não ser que algum «kamarada» oficial, diligente e necessariamente bem visto no Conselho da Revolução, tenha dado instruções para arquivar o dossier «colonialista» que os comunistas produziram em 1975 para denegrir Camões e Portugal. É que a cultura, para o PCP, é como os ovos carimbados: só vale com foice e martelo. Depois dão cabo dela.

Pedro de Freitas esclarece

o «COMUNICADO» da Câmara Municipal

Dignou-se a Câmara Municipal fazer constar, publicamente, o aparecimento da segunda edição do meu livro «Quadros de Loulé Antigo».

Já muito disseminada a primeira edição pelos louletanos, tal como foi referenciado, pode não despertar já interesse, por ser suficientemente conhecida. Compete-me, pois, esclarecer os possíveis interessados que, a reedição deste livro será algo diferente porque:

— O livro conhecido tem 364 páginas e 22 capítulos.

O reeditado terá: 500 ou mais páginas e 29 capítulos; muitas anotações no texto primitivo e, nos capítulos novos, há episódios históricos de interesse geral e alguns inéditos; todas as freguesias do concelho, estão agora altamente representadas, e nelas há referências que interessam na generalidade e, algumas, episódios inéditos. Terá dezenas de gravuras. E, honrará a sua aparição a público, o prefácio do já muito conhecido jornalista e louletano de pura dedicação à sua terra, o jovem Doutor sr. José Manuel Mendes Bota.

O novo livro será, sem dúvida alguma, um livro para todas as gerações:

— A ALMA DE LOULÉ EM LIVRO!

Pedro de Freitas

tes. De resto a segurança das embarcações e respectivas tripulações esteve assegurada por barcaças dos fuzileiros navais, as quais prestaram sempre assistência efectiva a estes acontecimentos desportivos.

De salientar a presença dos velejadores espanhóis, que desde há 4 anos marcam a sua presença nas regatas de Vilamoura, emprestando maior interesse a estas provas e conseguindo obter classificações muito razoáveis.

A distribuição dos prémios foi feita em reunião informal e serviu de pretexto para uma animada confraternização entre os participantes.

DE BOLIQUEIME CHEGAM-NOS NOTÍCIAS!

Como é evidente «A Voz de Loulé» teria imenso prazer em publicar semanalmente notícias das nossas freguesias rurais, mas tal não tem acontecido porque não temos encontrado quem se disponha a fornecer-nos elementos daquilo que aí possa ter acontecido ou se pretenda aconterça.

Apesar dos nossos pedidos insistentes e das muitas promessas que temos recebido, quase tudo tem sido em vão: as pessoas não têm vagar, porque hoje só têm vagar para fazer aquilo a que são obrigadas pelos seus deveres profissionais.

Daí a ausência quase total de notícias das nossas freguesias, apesar de em todas elas contarmos com numerosos assinantes e a maioria dos nossos assinantes no estrangeiro daí serem oriundos.

É uma falha que não temos conseguido colmatar porque não temos meios humanos para preencher essa lacuna. Lamentamos, mas pensamos que aos naturais de cada uma dessas freguesias compete também fazer alguma coisa em prol da sua terra natal e vir a terreiro defender os interesses que são de todos os cidadãos que anseiam por que haja mais electricidade, mais água, melhores caminhos e condições de vida mais aceitáveis e humanas.

Tudo isto vem a propósito do facto inédito, de terem chegado à nossa redacção várias folhas de cópia da acta de recente sessão ordinária da Assembleia de Freguesia de Boliqueime, e através da qual ficámos sabendo de várias ocorrências registadas e que tem interesse divulgar.

De salientar, por exemplo, que o Presidente da Junta fez a apresentação das contas referentes ao ano de 1979, as quais foram aprovadas após algumas interpelações.

Seguidamente a Assembleia foi informada que a Junta tinha negociado a compra de um terreno para ampliação do cemitério ao preço de 200\$00/m2 e que ia comunicar essa decisão à Câmara de Loulé.

Foi salientado que nos planos para 1980, a Junta incluiu a construção de uma retrete pública, que se localizará em frente da Escola Primária, tendo tido para isso o parecer favorável de todos os membros da Assembleia de Freguesia.

O Presidente da Junta frizou depois a necessidade urgente de se proceder à terraplanagem de diversos caminhos, nomeadamente Patã de Cima, Cabeça de Águia, Zambujal e Lombada.

A mudança de paragem no sítio da Maritenda; o pedido à Câmara, de colocação de placas de limite de velocidades e estacionamento proibidos; aproximação de Escola e passadeiras, foram outros temas debatidos, assim como a solicitação à Câmara de Loulé da cedência duma máquina para esta efectuar trabalhos que achasse mais urgentes.

O Presidente da Junta focou vários problemas relacionados com o ensino, abastecimento de água, saneamento, electificação e saúde.

A professora sr.ª D. Arroja

congratulou-se por poder ler um ofício da Câmara formulando perguntas acerca da necessidade da Escola Primária de Boliqueime, salientando como as mais urgentes a cobertura da rectaguarda da escola, a criação dum refeitório e uma sala para arquivo, sugestões que mereceram a aprovação dos restantes membros da Assembleia.

O elemento da APU sr. Duarte Silva usou da palavra para propor à Junta que enviasse à RN um pedido para proceder à cobertura de paragens para passageiros nos sítios de: Patã de Cima, Povo Velho, Poço de Boliqueime, Maritenda, Tenoca e Alfontes.

Aproveitando a oportunidade da concessão da palavra ao público, falou o sr. Daniel Arroja para concordar com a necessidade da construção da retrete pública, mas discordando da sua localização e lembrou à Junta de Freguesia que estude cautelosamente o pedido de cobertura solicitado pela Servipneus, sugerindo ainda que os proprietários devem ser ouvidos quanto aos problemas das terraplanagens.

A sessão terminou cerca das 2 horas da madrugada, notando-se entre todos os presentes uma excelente disposição e um firme propósito de servirem os interesses da sua terra, de que aquela reunião tinha sido um dignificante exemplo.

PEDRO DE FREITAS

A fim de tratar de problemas relacionados com a próxima edição do seu muito apreciado (e já esgotado) livro «Quadros de Loulé Antigo» e cuja edição a Câmara de Loulé se dispôs a financiar (dado o elevado interesse histórico e cultural que representa) passou alguns dias em Loulé o nosso prezado amigo, colaborador e indefectível louletano sr. Pedro de Freitas, que, entretanto recolheu preciosos elementos que acrescentará ao seu livro, cuja 2.ª edição será muito aumentada e conterá valiosos dados acerca das nove freguesias do nosso concelho.

Como é já seu hábito sempre que se desloca a Loulé, Pedro de Freitas deu-nos mais uma vez o prazer da sua visita e is-

O CONTÍNUO AUMENTO DA TIRAGEM DE «A VOZ DE LOULÉ» DÁ-NOS A GARANTIA DE QUE ESTAMOS NO BOM CAMINHO

Impávidos e serenos perante o vozear grosseiro e venenoso daqueles que, espalhando o ódio à sua volta, continuam lançando as pérfidas sementes da sua auto-destruição e manifestando um estrebuchar de raiva inconsciente por não terem conseguido ser «imperadores/déspotas» deste país, continuamos a seguir uma linha de rumo que a maioria dos portugueses já escolheu... com manifesto desprezo por ideias revolucionárias daqueles que quiseram fazer-nos mergulhar no mais feroz obscurantismo.

Entretanto os cães ladram e caravana passa.

Humilhados e oprimidos vivem aqueles desgraçados povos para quem a liberdade é um mito e a imprensa tem que ser fiel servidor dos interesses dos senhores do partido único, mas os portugueses ficaram fartos de ditaduras e querem viver em Democracia... mesmo com mais campanhas.

É bem verdade que se publicam por aí jornais que não têm razão de existir — porque só servem para embrutecer os que ingenuamente os lêem e principalmente porque se publicam para servir os interesses do imperialismo soviético, o qual nos ameaça constantemente e nos pretende destruir como Nação livre e independente. A exemplo do que está fazendo em muitos outros países onde joga as suas garras aduncas. Mas mesmo assim é ainda preferível que esses jornais existam do que termos que suportar a coacção duma férrea censura à imprensa, que é uma característica das ditaduras — tanto faz ser da direita como da esquerda.

E se não temos medo da liberdade de imprensa (e a desejamos) é exactamente porque acima de tudo colocamos os interesses da nossa Pátria, da

nossa Província e da nossa amada terra natal.

Daí a razão porque são cada vez mais aqueles que estão conosco, que nos lêem e nos acompanham para que prossigamos nos caminhos da Verdade e sem temor dos fanáticos arautos das «amplas».

Nítida verdade do que acabamos de escrever está bem patente no constante aumento de novos assinantes, e cujos nomes publicamos hoje em mais uma extensa lista, para lhes manifestar publicamente o testemunho da nossa gratidão pelo que o seu gesto representa de apoio à acção que temos travado na defesa de um novo ideal de vida.

Os nossos agradecimentos são, portanto, hoje dirigidos aos Ex.mos Senhores:

Manuel António Rodrigues; António Gonçalves Bexiga, Viseira — Agência de Viagens do Sul; José Joaquim Sousa R. Faísca; António da Silva Luís; Vítor Manuel Rodrigues Gregório e Carlos Manuel Martins Pontes, de Loulé. Dr. Carlos Alberto do Carmo Cunha; D. Maria José Alexandre e Carlos Albino, de Lisboa; José Cordeiro Bispo e João Pinto Dias Pires, de Faro; Inácio José Dias Teixeira, de Salir; Amadeu Sequeira Baltazar, José de Sousa Guerreiro Cabeça e José Faustino F. Feijão, de Quarteira; João Sousa Silvestre, U. S. A.; Prof. Carlos Portas, de Évora; Luís Filipe Nunes Viegas, Orga — Organização e Contabilidade de Empresas e Manuel Brígido dos S. Dias, de Almansil; Restaurante «O Pescador», Júlio Viegas G. Botica, Agência Ribeiro, Ilídio dos Santos Silva, Domingos Gonçalves Neto, eng. António Pimenta Andrade e Manuel António F. Farias, de Loulé; Joaquim Mendonça Júnior, do Barreiro; Ezequiel Manuel Soares Cevadinha, de Boliqueime; João R. S. Baptista, de Lagoa; Manuel Viegas Martins, Linha do Sul; Mário Francisco Campos, de Mértola; Restaurante «O Vapor», Vilamoura; Manuel Batista Inácio, Jorge Martins, França; Emílio José C. Ramos, Quarteira e António Virgílio Lourenço, de Ameixial; Marcolino António Guerreiro Silva, de Loulé; Manuel das Dores, de Silves; Fernando José Dias Nascimento; D. Antonieta Marques; Aníbal Isidoro Alcázar, de Venezuela; D. Beatriz Castanheira P. N. Barnabé, de Torres Vedras; Manuel José e António Guerreiro, Ameixial; D. Maria Idília Sousa Viegas; D. Lídia Dias Farrajota, D. Maria Teresa Coelho Guerreiro, José da Silva Viegas e José António Guerreiro Santos, de Loulé; Manuel Rodrigues André, de Faro; D. Maria Cavaco Mateus, de Cascais e Centro da Terceira Idade, de Loulé.

I CONGRESSO NACIONAL SOBRE O ALGARVE

Está a suscitar o maior interesse em todo o País e, em especial, no Algarve, como não podia deixar de ser, a próxima realização do I Congresso Nacional sobre o Algarve, que o Rocal Clube realiza no auditório da Aldeia das Açoteias de 9 a 11 de Maio.

Ao Secretariado do Congresso, que funciona junto do conhecido clube algarvio em Silves, já começaram a chegar as primeiras inscrições e comunicações. Até agora, o maior número de participantes assegurados pertence às Câmaras e Assembleias Municipais, numa resposta ao

interesse que o Congresso tem no tratamento dos vários problemas que as Autarquias algarvias enfrentam e querem ver debatidas publicamente e abertamente. Tais problemas, aliás ultimamente muito em foco, vão com certeza merecer uma atenção muito especial por parte das várias entidades responsáveis pelo Algarve.

Lembra-se que o Congresso se debruçará sobre três grandes blocos (cultura, ciência e educação; saúde e meio ambiente; economia) que, por seu turno, se subdividem em áreas que comportam temas que poderão

ir do desporto ao turismo, da pesca à floricultura, da cultura protegida à florestação, numa variedade de temas que de certeza trará grande animação ao encontro.

Lembra-se ainda que o prazo para as inscrições (tanto para quem pretende apresentar comunicação como para os que querem assistir) termina no dia 15 de Abril e que todas as informações serão prestadas pelo Secretariado do Congresso, a funcionar no Rocal Clube, 8300 SILVES, Telex 13865. Telefones 42530 e 42587.